



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH

MAGNO DE OLIVEIRA SOARES

**DAS ONDAS DO RÁDIO AOS APP'S: FUTEBOL E A REVOLUÇÃO DAS
COMUNICAÇÕES**

RIO DE JANEIRO, 2023

MAGNO DE OLIVEIRA SOARES

SOARES, Magno de Oliveira. Das ondas do rádio aos app's: futebol e a revolução das comunicações. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ensino de História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Orientador: Prof. Dr. Flavio Limonic

Rio de Janeiro, 2023

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

S676 SOARES, Magno de Oliveira
Das ondas do rádio aos app's - futebol e a
revolução das comunicações / Magno de Oliveira
SOARES. -- Rio de Janeiro, 2023.
59 f.

Orientador: Flavio Limonic .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Ensino de História, 2023.

1. História do futebol. 2. História das
comunicações. 3. Ensino de História. 4. Globalização.
I. , Flavio Limonic, orient. II. Título.

MAGNO DE OLIVEIRA SOARES

SOARES, Magno de Oliveira. Das ondas do rádio aos app's: futebol e a revolução das comunicações. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ensino de História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Flavio Limonic (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio

Prof. Dr. Rodrigo Turin
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio

Prof. Dr. Maurício Drumond
Instituição – Sigla

Rio de Janeiro, 2023

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este trabalho aos meus alunos e alunas da turma 2005 do Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht, pela nobre participação resultando em inestimável contribuição para a proposta aqui feita. Este trabalho não seria possível sem estes alunos e alunas, que foram pacientes com as dificuldades técnicas de um som que fazia questão de não funcionar, atentos ao longo de minhas falas e participativos quando provocados. Por isso, não poderia, sob nenhuma hipótese, dedicar este trabalho a alguém que não fossem estes sujeitos, pelos quais dispenso um carinho e um respeito infinito. Além do mais, são justamente estes sujeitos o objetivo central dos esforços aqui empreendidos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à Juliana, minha esposa. Seu apoio e incentivo foram fundamentais para este percurso, especialmente nos momentos de maiores dificuldades. Sempre disposta a ouvir e ajudar no que fosse possível.

Agradeço aos meus pais também pelo incentivo, mas, principalmente pela criação que me deram, na qual os estudos sempre foram um valor inquestionável e primordial.

Aos Professores e Professoras deste curso de mestrado que contribuíram enormemente para a minha formação enquanto professor-pesquisador.

Aos meus colegas de turma, que mesmo distantes fisicamente em virtude da pandemia de COVID 19, sempre estavam prontos a ajudar e sanar dúvidas através do grupo de WhatsApp.

E finalmente, ao meu orientador, que infelizmente não tive o prazer de conhecer pessoalmente e espero um dia poder ter. Agradeço por toda sua paciência, disponibilidade e tranquilidade para explicar suas impressões e apontamentos em relação ao trabalho.

A todos e todas vocês e, a todos e todas que, de alguma maneira, contribuíram deixo os meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

SOARES, Magno de Oliveira. Das ondas do rádio aos app's: futebol e a revolução das comunicações. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ensino de História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Este trabalho procura desenvolver uma reflexão sobre a história do futebol e sua relação intrínseca com as tecnologias de comunicação, passando pelo rádio, pela televisão e contemporaneamente com as novas tecnologias digitais e móveis de comunicação através dos aplicativos de redes sociais de compartilhamento de fotos e vídeos. E a partir dessa reflexão propor uma aula para alunos da educação básica sobre a temática da globalização, compreendendo o desenvolvimento dessas tecnologias como uma característica marcante desse presente globalizado, midiaticizado e acelerado.

Palavras-chave: História do futebol. História das comunicações. Ensino de História. Midiaticização. Globalização. Presentismo.

ABSTRACT

SOARES, Magno de Oliveira. From radio waves to apps: football and the communications revolution. Thesis (Master's degree). Graduate Program in Teaching History – Federal University of the State of Rio de Janeiro.

This work seeks to develop a reflection on the history of football and its intrinsic relationship with communication technologies, through radio, television, and contemporaneously with new digital, and mobile communication technologies through social networking applications for sharing photos and videos. And based on this reflection, propose a class for basic education students on the theme of globalization, understanding the development of these technologies as a striking feature of this globalized, mediatized, and accelerated present.

Keywords: Football history. History of communications. History Teaching. Mediatization. Globalization. Presentism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A GLOBALIZAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS	14
CAPÍTULO 2 – O FUTEBOL E AS COMUNICAÇÕES	23
• O FUTEBOL E A IMPRENSA ESCRITA	23
• O FUTEBOL E O RÁDIO	29
• O FUTEBOL NA TV	36
• O FUTEBOL NOS APP’S	40
CAPÍTULO 3 – O FUTEBOL: NAS ONDAS, NAS TELAS E NA SALA DE AULA	43
• A PROPOSTA DA AULA – O USO DA HISTÓRIA ORAL	43
• A EXPERIÊNCIA DA AULA	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
BIBLIOGRAFIA	56

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios encontrados por nós, professores e professoras de História, em sala de aula, está em elaborar uma narrativa-aula em que esta não se distancie ou escape do domínio do verdadeiro inscrito pela ciência histórica, ao passo que também seja capaz de envolver os alunos em sua trama, promovendo um interesse por parte destes em refletir sobre o tema a ser estudado e, desta maneira, estabelecer a relação desses elementos – saber, professor e aluno – que compõem o que Carmem Gabriel (2017) chama de triângulo didático.

À parte as questões que se referem às dificuldades impostas pela desvalorização e precarização profissional, que impõem excessivas jornadas de trabalho e acarreta, entre outros problemas, uma diminuição qualitativa de sua prática docente, o desafio posto anteriormente se amplia diante de nosso tempo presente, marcado pelos ritmos acelerados das tecnologias, no qual os alunos estão profundamente imersos. Isto nos impõe lidar com duas questões, a relação destes alunos com o tempo, tanto o tempo histórico, quanto o tempo cronológico e com o fato da História não ser mais um saber exclusivo de historiadores e professores de História, podendo estes alunos terem acesso à História pelos mais diversos meios devido ao desenvolvimento de tecnologias comunicacionais. Como nos alertam Libânia Xavier e Mirian Chaves:

No que se refere aos alunos, torna-se relevante assinalar que, nas sociedades contemporâneas, as crianças encontram acesso a muitos outros meios que lhes abrem distintos universos culturais e a cultura escolar se torna uma entre tantas outras, mais exigente e oficial, mas, não é mais a única. Nesse contexto, os professores encontram uma dificuldade a mais no exercício de sua profissão, pois, ao mesmo tempo em que sofreram uma perda de legitimidade de sua autoridade, eles se viram obrigados a lidar com o aumento das resistências dos alunos em submeter-se às normas da disciplina escolar, muito frequentemente distantes das referências culturais de seu meio de origem. (XAVIER, CHAVES, 2018, p. 270)

Isto nos faz pensar que na relação saber – professor – aluno, o professor não lida apenas com o saber histórico acadêmico, mas com outros saberes, produzidos e interpretados em diferentes espaços e por sujeitos variados. Mas, que apesar desta perda de exclusividade do ensino de História, a escola, de acordo com GABRIEL (2017) ainda

permanece sendo um espaço, um *locus* privilegiado para se socializar, estruturar e sistematizar esses saberes fragmentados e conformá-los no que se tem compreendido pelo campo da Didática como “saber escolar”. E o maior desafio neste sentido, neste processo de ensino-aprendizagem, na elaboração da narrativa-aula, na conformação do saber histórico escolar, talvez esteja em alcançar o que Rafael Saddi (2016) conceitua como “estado de suspensão”, um momento em que um saber atinge uma força interpeladora capaz de fazer o sujeito colocar em suspensão as atribuições de sentidos até então em vigor, ou seja, momento em que diante de um novo saber o sujeito faz uma reavaliação dos valores e verdades vigentes até o momento.

Um outro desafio que se apresenta ao ensino de história se refere ao tempo presente, ou a temas enquadrados neste tempo histórico. Ao trabalhar com este tempo, o professor, ao enunciar um discurso histórico, tanto ele quanto seus interlocutores – alunos e alunas – são sujeitos deste tempo, e assim trazem consigo as marcas de sua época, como nos explica Daniel Pinha (2017). O tempo presente neste sentido é uma dupla presença, ele é o objeto a ser estudado e compreendido e está nos sujeitos que o estudam. O autor nos ajuda a compreender o perigo dessa presença:

Esta presença do tempo presente pode significar, por outro lado, um limite ao desenvolvimento do conhecimento da própria história, se essa presença significar a completa supressão das diferenças temporais entre presente e passado, tão fundamentais para o estudo da história. A apreensão do *passado como diferença* está no cerne da conformação da história como área do conhecimento, pois é ela que permite a experiência do *descentramento* – a saída do próprio centro de produção de sentido –, tão necessária à descoberta do novo que o deslocamento para o passado permite. A apreensão plena da diferença temporal surge como meta necessária, ainda que inalcançável, para a tarefa de historiadores, professores e outros especialistas em história. A *fuga do presente* se torna, assim, condição para pensar historicamente o próprio tempo presente da enunciação, como um campo de possibilidades – e não de determinações – e em suas relações de ruptura e continuidade com o passado. (PINHA, 2017, p. 101)

Para lidar com esta tensão entre presença e fuga, mas sem intenção de dissolvê-la, o autor se apoia em Nicole Loraux (1992, apud PINHA, 2017) e defende uma prática controlada do anacronismo, pois, segundo Daniel, esta é uma forma que possibilita conformar de maneira equilibrada a presença inevitável do tempo presente na narrativa que se constrói pelos sujeitos e o deslocamento necessário para a compreensão histórica deste tempo com suas rupturas e continuidades na relação com o passado, possibilitando,

assim, uma necessária recontextualização e hibridização da produção histórica acadêmica, com os referenciais culturais mais amplos, tornando a atribuição de sentidos ao objeto estudado possível, como destaca Ana Maria Monteiro (2012, apud PINHA, 2017, p. 105).

O professor, deste modo, ao construir sua narrativa/aula, ele produz um saber que é de sua autoria, como quem produz um texto, como nos propõe pensar Ilmar de Mattos (2007, apud PINHA, 2017) em uma “aula como texto”. Entretanto, este é um texto aberto, é uma experiência orgânica, na medida em que se faz a partir de um preparo prévio, mas que só vai se conformar no momento da aula, onde ocorre a socialização dos saberes, na interação entre professores e alunos em um processo dialógico, onde esses sujeitos envolvidos são leitores e autores num mesmo tempo e contribuem para esta produção do saber com as experiências vividas individual e coletivamente em diferentes graus.

Para este desafio, faço a escolha da temática da globalização. Um tema que se desenrola a partir de questões que muitas vezes estão distantes da realidade da vida cotidiana destes alunos. Por este motivo, faço também a escolha do futebol e sua íntima relação com as tecnologias de comunicação, para desenvolver uma aula capaz de aproximar os alunos e o conteúdo referente a globalização. Deste modo, a globalização aqui neste trabalho será o pano de fundo, não é o objetivo desenvolver uma discussão sobre o conceito, mas ter o contexto da globalização como pano de fundo para refletir o aspecto da nossa relação com o tempo e com as novas tecnologias de comunicação, nesse presente globalizado com os alunos.

O futebol, desde que comecei a lecionar, sempre foi aquele assunto que quebrava o gelo, comum no início da interação com os alunos e permitia estreitamento dos laços na relação com estes. A relação do futebol atual com as novas mídias e tecnologias de comunicação está em compasso com a relação que estes alunos também possuem com estas tecnologias. São jovens que já nasceram imersos nessas tecnologias digitais que orientam os diversos aspectos do seu cotidiano, do lazer às relações interpessoais. São nativos de um tempo tecnológico, onde a experiência no tempo é intermediada em alguma medida pela interação com as tecnologias digitais. (SOSSAI; MENDES, 2016)

No primeiro capítulo, procuro fazer uma análise do tema da globalização no livro didático utilizado, observando os limites e possibilidades que este apresenta. A intenção aqui é fazer uma avaliação do modo como o tema da globalização é trabalhado no livro

didático adotado pela escola e que é o principal material de apoio e fonte para o professor para a elaboração de suas aulas, uma vez que, também o é para os alunos estudarem.

No segundo capítulo, analiso o processo de midiaticização do futebol, discutindo a sua transformação em produto de uma indústria cultural e mais recentemente a sua relação com a nossa contemporaneidade marcada pela presença da internet e de novas tecnologias digitais de comunicação num cenário globalizado.

O terceiro capítulo é dedicado à proposta de uma aula que busca utilizar fontes orais com o auxílio de um mural virtual com as atividades de leitura de entrevistas.

CAPÍTULO 1 – A GLOBALIZAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Mesmo diante de muitas críticas por parte de responsáveis, estudantes e mesmo professores (ROCHA, 2017) o livro didático ainda é o principal material de apoio para os professores ministrarem suas aulas. Desde 1985, este objeto cultural (MONTEIRO, 2009) é regulamentado pelo Programa Nacional do Livro Didático, PNLD, no qual o material é avaliado, disponibilizado aos professores para escolha e em seguida adquirido junto às editoras pelo Estado através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, FNDE para serem disponibilizados pelas escolas aos alunos.

Conforme Ana Maria Monteiro (2009) assinala, o livro escolar como um objeto cultural cumpre uma função didática em espaços pedagógicos com o objetivo de contribuir ao processo educacional escolar. Este material, portanto, de acordo com a autora, é uma mescla de conteúdos selecionados, com a organização textual e visual imprimindo a “visão que os autores têm sobre o que e como ensinar”. Nesta perspectiva minha intenção neste capítulo é fazer uma análise a esse respeito, ou seja, sobre a forma como a temática da globalização é desenvolvida em um livro didático destinado a alunos do Ensino Médio Regular da rede pública estadual de ensino e de que maneira o aspecto das novas tecnologias de comunicação estão presentes nestes textos.

O tema da globalização é um tema que está presente no currículo proposto pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro, na qual sou professor. Ao escolher esta temática, um dos desafios que se apresenta diz respeito ao tratamento dado ao tema na principal ferramenta utilizada pelo/a professor/a em uma aula que é o livro didático, pois, por ser um fenômeno que está acontecendo, a dificuldade de se estabelecer um consenso conceitual e historiográfico. Helenice Rocha (2018), em seu texto intitulado *Desafios presentes nos livros didáticos de história: narrar o que ainda está acontecendo*, nos leva a essa reflexão quando nos indaga:

Que escolhas fazem os autores para falar sobre nosso mundo? Será uma narrativa histórica? Ou uma análise econômica, geográfica ou política? O que está escrito para ser lido e interpretado pelos alunos [...], na finalização dessa suposta narrativa? E que mensagem potencial sobre o mundo contemporâneo deixam a esses alunos, como jovens [...], habitantes dessa nave paradoxalmente globalizada, chamada planeta Terra? (ROCHA, 2018, p. 89)

O livro didático é o principal suporte utilizado por professores e professoras em suas aulas, e na maioria das vezes o único. Deste modo, compreender os limites e possibilidades que esta ferramenta proporciona se torna indispensável. Analisando e comparando 15 coleções de livros de História do PNLD 2011, ROCHA (2018) nos aponta como este tema da globalização está inserido em um capítulo ou em uma unidade temática que se refere à atualidade do final do século XX e início do século XXI com denominações que variam entre “Nova Ordem Mundial”, “Mundo Contemporâneo” e “Nova Ordem Internacional”, nos sugerindo que a globalização tem seu início a partir do fim da Guerra Fria e da bipolarização entre Estados Unidos e União Soviética. Entretanto, segundo a autora, “seja como curiosidade ou como origem histórica, algumas coleções remetem a origem da ideia de globalização ao momento das Grandes Navegações” (ROCHA, 2018, p. 92) conferindo, portanto, uma ausência de cânone historiográfico em relação a esta temática.

A coleção escolhida e adotada pela escola na qual sou professor é “História das cavernas ao terceiro milênio” (2016), aprovada no PNLD 2018, válida, portanto, para o triênio 2018, 2019 e 2020.

A primeira coisa com a qual nos defrontamos diante de qualquer material é o aspecto estético e no caso do livro, a capa. E no caso deste livro “História das cavernas ao terceiro milênio” (2016), gostaria de destacar a composição feita entre o título da coleção e a imagem, pois, se estabelece um jogo, no qual, um complementa o outro. Além disso, na imagem o terceiro milênio está representado pela máquina digital portátil nas mãos de uma pessoa. Isso dá um indício do que caracteriza, portanto, para as autoras, este terceiro milênio, a presença das tecnologias digitais.

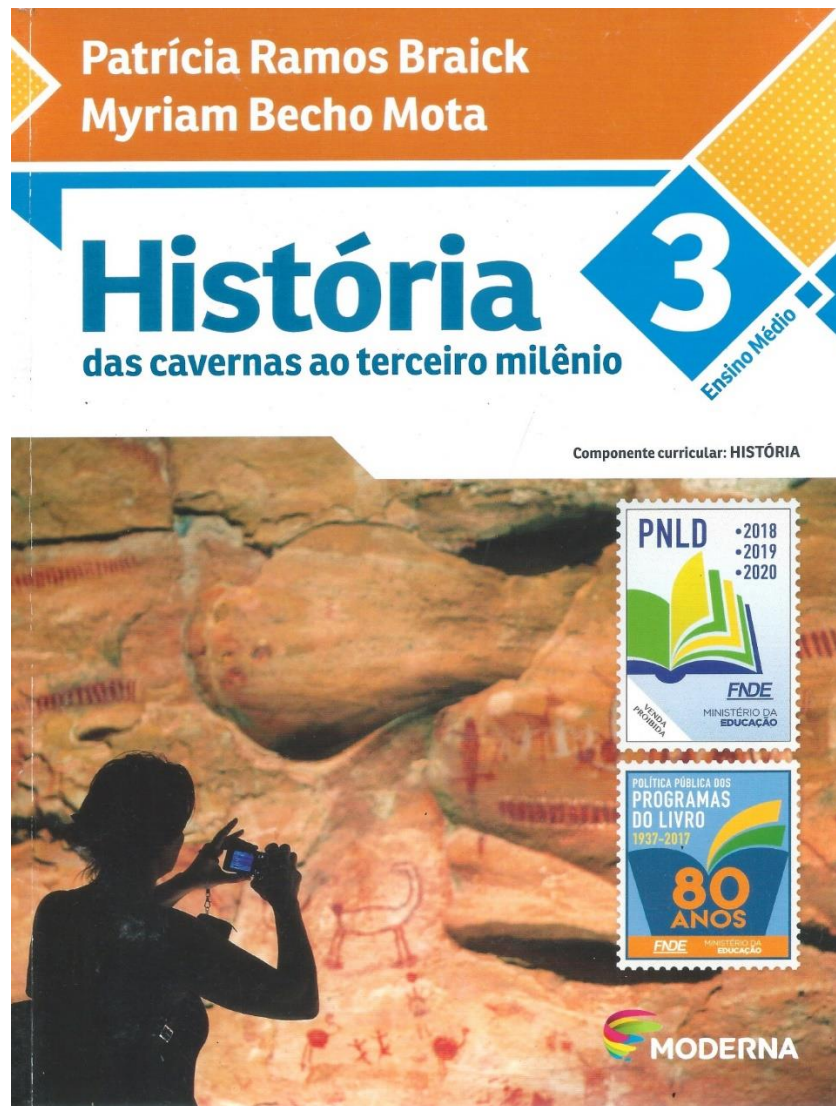


Figura 1: BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História das cavernas ao terceiro milênio. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2016 - Capa

A coleção para o Ensino Médio está dividida em três volumes, um para cada série. O primeiro volume, destinado à 1ª série, é composto de conteúdos que vão da pré-história à transição para o período Moderno. O segundo volume, destinado à 2ª série, é inteiro dedicado à Modernidade e a transição para contemporaneidade. E por fim o terceiro volume, que será o foco de minha análise aqui, se dedica à contemporaneidade.

Os temas selecionados pelas autoras estão organizados em doze capítulos. Os capítulos possuem algumas seções em comum que buscam a ampliação da aprendizagem dos alunos, como “Texto complementar”, “Trabalhando com Fontes”, “Atividades”, “Decifrando o Enem”, “Questões do Enem e vestibulares”, além de “boxes complementares” ao longo do texto do capítulo. Como disse, o foco da minha análise será

a temática da globalização, desta forma, o capítulo que é de meu interesse é o capítulo 11 sob o título “O fim do socialismo real e os desafios do mundo globalizado”.

CAPÍTULO 11	O fim do socialismo real e os desafios do mundo globalizado, 194
Crise na União Soviética	195
Colapso do bloco socialista	196
Alemanha: a queda do Muro de Berlim, 196 / Polônia, 197 / Romênia, 197 / Tchecoslováquia, 198 / Iugoslávia, 199	
Fim da União Soviética	201
Conflitos na Federação Russa, 202	
Processo de globalização	204
Expansão do comércio mundial, 205 / Nova ordem mundial, 205	
Economia global	206
Economia interdependente, 206 / Década de 1980 e emergência de governos neoliberais, 207	
Questões sociais no mundo globalizado	211
Segregação espacial, 212 / Imigrantes e refugiados, 213 / Sociedade conectada, 214	
Emergência das questões ambientais	215
Guerra e terrorismo	216
Atentados nos Estados Unidos, 216 / Primeira guerra contra o Iraque, 217 / Segunda investida contra o Iraque, 218 / Estado Islâmico, 218	
Para onde vamos?	219
Texto complementar: A guerra na Síria e seus refugiados	220
Atividades	222
Decifrando o Enem	224

Figura 2: BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História das cavernas ao terceiro milênio. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2016 - Sumário

Podemos verificar que os temas que compõem o capítulo se dedicam em sua maior parte aos aspectos políticos e econômicos da formação desse “mundo globalizado” contemporâneo. As autoras trazem a perspectiva da globalização como um processo, que teria sua primeira fase no século XV, com a expansão marítima e comercial europeia; a segunda fase, entre os anos 1840 e 1914 com a expansão imperialista, que intensificou a movimentação de capitais europeus e norte-americanos nas áreas colonizadas e periféricas; e a terceira fase teria seu início entre os anos 1980 e 1990, com o fim da Guerra Fria, da bipolarização e o surgimento de uma Nova ordem mundial e o desenvolvimento de uma economia global. Esta fase de acordo com as autoras seria caracterizada “pelo desenvolvimento sem precedentes das tecnologias da informação e da comunicação e pelo fluxo intenso de produtos, serviços e capitais, com impactos na economia, na política, no meio ambiente, no mundo do trabalho, e no comportamento dos indivíduos” (BRAICK, MOTA, 2016. p. 204)

Mas apesar desse destaque dado ao desenvolvimento das tecnologias da informação como marca desta globalização, o escape que as autoras dão dos aspectos políticos e econômicos e abrem espaço para esse aspecto não ultrapassa uma página em que consta uma charge crítica ao comportamento dos indivíduos e suas relações com os aparelhos portáteis, um texto com dados que mostram como a sociedade está conectada e um box complementar sobre o WikiLeaks.



Figura 3: BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História das cavernas ao terceiro milênio. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2016 – p. 214

A seção de atividades procura ser bastante diversificado, com atividades que abordam a maioria dos temas discutidos ao longo do capítulo. Nesse sentido, a seção contém uma atividade de interpretação de charge, com quatro perguntas referentes a esta. Esta atividade busca, justamente, fazer com que o aluno reflita sobre aspectos como o grau de dependência do uso de aparelhos celulares adquirido no século XXI e a conectividade integral em redes sociais.

8. Observe a charge para responder às questões.



Batente (2007), charge de Caco Galhardo.

- Qual é o tema principal dessa charge?
- Que aspecto das relações humanas no século XXI essa charge evidencia?
- O processo de globalização está presente da mesma forma em todas as regiões do planeta? Dê exemplos que justifiquem sua resposta.
- A charge apresenta um dos aspectos da globalização. Cite outras consequências desse processo, classificando-as em positiva ou negativa, justificando suas opiniões.

Figura 4: BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História das cavernas ao terceiro milênio. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2016 – p. 223

A pandemia de Covid 19, declarada uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 30 de janeiro de 2020¹, fez com que se adotasse políticas de distanciamento e em consequência a adoção do trabalho remoto através da modalidade virtual, o chamado *home office*. Com a adoção do trabalho remoto o Governo do Estado do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Estadual de Educação, descontinuou o uso dos livros didáticos, adotando como material didático de referência para professores e alunos apostilas que seriam disponibilizadas em formato digital e físico. Essas apostilas foram elaboradas por uma comissão de professores da própria rede de ensino escolhida pela Secretaria de Educação. Elas foram denominadas de Orientação de Estudos (OE's).

As apostilas, as OE's, são materiais bastantes sintéticos, que apenas pincelam alguns temas selecionados em torno de vinte a trinta páginas ao todo. Ela serviu apenas como um material, como o próprio nome indica, uma orientação de estudos, em um período, no qual os alunos não tinham aulas, em formato expositivo com as explicações

¹ Ver <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acessado em 11/11/2022

dos professores, mas apenas atividades propostas na plataforma digital *Google Classroom*. Este formato perdurou os anos de 2020 e 2021.

O ano de 2022, além do retorno às aulas em formato integralmente presencial, marcou também o início da implementação do Novo Ensino Médio², e com isso a adoção de materiais didáticos em acordo com esta reforma a partir do PNLD 2021. Uma das principais características dos livros didáticos proposta neste PNLD é que os livros não fossem mais seriados por disciplinas, mas sim, pelas quatro áreas do conhecimento propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências humanas e sociais aplicadas.

De acordo com o PNLD, cada escola adotaria seis livros, por área do conhecimento, para serem utilizados ao longo das três séries, sem uma sequência predeterminada, deixando esta flexível ao projeto pedagógico de cada unidade escolar. Cada livro possui um tema, ou eixos temáticos a serem desenvolvidos. Os temas devem ser transversais e dialogarem com a realidade contemporânea. Neste sentido, na escola em que leciono, foi adotada a coleção Multiversos (JUNIOR, ADÃO, JUNIOR, 2020).

² O Novo Ensino Médio foi aprovado em lei em 2017 e propõe alterações na carga horária e na grade curricular dos estudantes para se adequar à BNCC. Há uma série de críticas e questionamentos em relação a implementação do Novo Ensino Médio. Ver <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/novo-ensino-medio-entenda-reforma.htm>

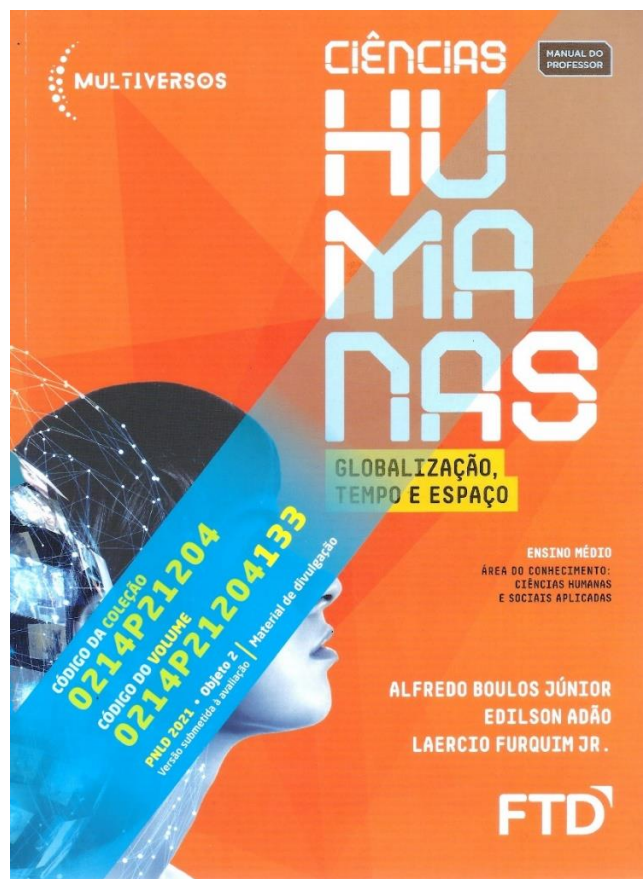


Figura 4: JUNIOR, Alfredo Boulos; ADÃO, Edilson; JUNIOR, Laércio Furquin. Ciências humanas. 1 Ed. São Paulo: FTD, 2020. (CAPA)

Como podemos observar, pela imagem acima, um dos eixos temáticos da coleção é “Globalização, Tempo e Espaço”. De acordo com os autores, a proposta da coleção é integrar os saberes próprios da História, Geografia, Sociologia e Filosofia. E no caso deste volume, em especial, “o estudo do mundo contemporâneo, os impactos das tecnologias digitais, as diferentes ocupações humanas e os conflitos na América”³

Todos os volumes possuem uma mesma organização: duas unidades, e cada unidade três capítulos. Neste volume “Globalização, Tempo e Espaço” a temática da globalização está presente na unidade um, especialmente, nos capítulos um, “Globalização: que fenômeno é esse?”, e dois “Globalização: espaço, tempo e técnicas”.

A página de apresentação da unidade um deste volume traz como reflexão central o encurtamento das distâncias e do tempo provocado pelo desenvolvimento tecnológico desde a Revolução Industrial do século XVIII e coloca como crucial o entendimento deste

³ Ver: <https://pnld.ftd.com.br/ensino-medio/ciencias-humanas-e-sociais-aplicadas/multiversos-ciencias-humanas/>. Acessado 11/11/2022

redimensionamento, para compreendermos esse nosso mundo contemporâneo. E por isso os autores fazem algumas provocações ao estudante leitor neste sentido: “E você, como percebe a passagem do tempo? Entende que o mundo nos cobra rapidez? Como você entende o papel da tecnologia em sua vida?” (JUNIOR, ADÃO, JUNIOR, 2020, p. 10)

O primeiro capítulo da unidade “Globalização: que fenômeno é esse?” procura apresentar a globalização como um fenômeno essencialmente econômico que toma a forma global com a integração dos mercados mundiais após o fim da União Soviética e da Guerra Fria. No entanto, o texto apresenta a noção de que o fenômeno também é compreendido como um processo do desenvolvimento tecnológico que atingiu, no final do século passado, o desenvolvimento da informática, da nanotecnologia, da internet e dos aparelhos telefônicos móveis. A sequência do capítulo traz os aspectos geopolíticos da globalização como a formação dos blocos econômicos e as desigualdades econômicas entre as regiões do mundo.

O segundo capítulo da unidade “Globalização: espaço, tempo e técnicas” é que de fato traz as questões do desenvolvimento tecnológico e o redimensionamento do tempo e espaço como marcas do mundo contemporâneo e globalizado. O texto aborda os impactos das chamadas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) que surgem justamente a partir do desenvolvimento da internet. Essas novas tecnologias passaram a mediar as interações entre as pessoas, especialmente, com a chegada das redes sociais, onde se tornou um hábito a exposição da vida cotidiana, compartilhando imagens e informações constantemente. Os autores procuram discutir impactos físicos e psicológicos provocados por essa constante e acelerada exposição a essas tecnologias, como a diminuição de horas de sono e o desenvolvimento de transtornos como de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH). Além disso traz também a discussão da dificuldade de separação entre o real e o virtual a partir da cultura da *selfie*.

Diferente do livro “História das cavernas ao terceiro milênio” (BRAICK, MOTA, 2016), este volume da coleção Multiversos (JUNIOR, ADÃO, JUNIOR, 2020) dedica um espaço maior para o aspecto das novas tecnologias como marca desse mundo contemporâneo e globalizado. Como, justamente, este material se tornou o material adotado para ser o referencial para os alunos, as questões que busco desenvolver em minha atividade proposta no terceiro capítulo partem deste volume.

CAPÍTULO 2 – O FUTEBOL E AS COMUNICAÇÕES

Como dito anteriormente, o cenário de um mundo globalizado é tomado como pano de fundo para uma aula, para alunos do Ensino Médio Regular, na qual busca-se refletir sobre os impactos do desenvolvimento das tecnologias de comunicação para a nossa relação com o tempo, apontando para uma aceleração e ubiquidade, também discutidas na obra *Multiversos* (JUNIOR, ADÃO, JUNIOR, 2020), que é o material didático de referência dos alunos. Para pensar estas questões neste capítulo busco trazer, a partir da relação com o futebol, o desenvolvimento dessas tecnologias, passando pelo rádio, TV até as novas tecnologias móveis digitais

- **O FUTEBOL E A IMPRENSA ESCRITA**

Quando falamos do desenvolvimento do futebol como esporte institucionalizado e profissional, é muito difícil dissociá-lo da indústria das comunicações. Suas histórias se entrelaçam como atesta Gastaldo (2011):

Mais do que fenômenos paralelos, esporte e mídia constituíram-se mutuamente. A característica “espetacular” (isto é, “para ser vista”) inerente às competições esportivas e seu poder de mobilização coletiva (pela metonímia que coloca nações ou bairro dentro de campos, pistas ou ringues) articulam perfeitamente com o surgimento de jornais impressos em rotativas, destinados a grande número de leitores, em pleno processo de expansão urbana na virada do século. (GASTALDO, 2011, APUD SILVA, 2017, p. 69)

Victor Melo e colaboradores (2013) também apontam para a proximidade desta relação ligada “à emergência de sociedades urbanas e industriais”. Além disso os autores também observam o papel dos veículos de comunicação nesta relação, eles foram e são preponderantes na atribuição de sentidos e significados ao esporte de maneira geral e ao futebol, na medida em que este ia se tornando popular.

Ao nos determos ao aparecimento e desenvolvimento do futebol no Brasil, esse paralelismo se torna ainda mais evidente. O futebol que no início de sua prática se restringiu às elites aristocráticas, que habitavam os espaços urbanos, em seus clubes sociais como forma de lazer, a partir da década de 1920, com a inserção de atletas negros,

operários, oriundos das camadas pobres em determinados clubes e o início do debate sobre amadorismo *versus* profissionalização, e a de 1930 com a oficialização da profissionalização do futebol no Brasil, ocorreu um processo de popularização do esporte.

Esse processo de popularização do futebol se deu, em grande medida, a partir da atuação da imprensa esportiva que se formara⁴. Melo e Holanda (2012) ressaltam que já no decorrer do século XIX os periódicos assumiam um papel de “arena pública e formadores de opinião” e que no final deste mesmo período estes mesmos já iniciaram, ainda que de maneira incipiente, o processo de comunicação de massa.

Inicialmente as notícias esportivas não possuíam espaço específico nos impressos, elas se misturavam às informações de todas as ordens, comerciais, políticas, econômicas e nos acontecimentos sociais. Neste período, entre informações, opiniões, crônicas e imagens, o interesse da imprensa no Brasil era se associar aos membros da elite e à noção de esporte como prática significativa de progresso e civilidade e não atender a um público consumidor crescente. Já em fins do século XIX, a diversificação da imprensa se torna uma característica nos grandes centros urbanos (BARBOSA, apud MELO, HOLLANDA, 2012), e, portanto, começam a aparecer suplementos, jornais, revistas e periódicos dedicados ao esporte. As práticas esportivas institucionalizadas e a imprensa deste período foram se moldando e conformando numa relação dialógica os sentidos atribuídos ao esporte e a sua popularização. Como Melo (2012) afirma: “nem só causa, nem só consequência: causa e consequência” (p. 48).

A virada do século XIX para o século XX é marcada por um processo de metropolização (TOLEDO, 2012), no qual, no Brasil, observamos em destaque as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Rio de Janeiro, a então capital da república. São Paulo, vivenciou um grande crescimento econômico. Essas cidades atraíram contingente de pessoas de outras localidades e mobilizou novas formas de sociabilidade e de expressividades corporais, entre as quais o futebol.

Foi assim, que negros, migrantes vindos do interior do Estado, europeus e orientais das muitas paragens que por aqui se confrontaram, se apartaram, mas que inevitavelmente também se misturaram, passaram a vivenciar uma experiência singular de cidade, polinizando hábitos diversos e

⁴ Ao se debruçarem sobre a relação da imprensa com esporte, Victor Melo e Bernardo B. B. de Holanda (2012) partem de um dilema intrigante: Causa ou consequência? O que move os autores é justamente compreender se a popularidade da prática esportiva se devia ao espaço que obteve na imprensa ou se o espaço obtido na imprensa era resultado da popularidade crescente.

gostos musicais, formas de sociabilidade, e também absorvendo os modismos vindos das próprias elites como os esportes, notadamente o futebol, que rapidamente tornou-se uma febre popular. (TOLEDO, 2012, p. 56, 57)

O processo de popularização do futebol, em grande parte dos estudos, é comumente relacionado ao papel desempenhado pelo jornalista Mário Filho. Marcelino da Silva (2006), entretanto, problematiza esta análise argumentando que estes estudos seguem uma narrativa cristalizada na qual a imprensa esportiva das três primeiras décadas do século XX, viveu um período pré-histórico, como afirmava Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho. E que foi justamente este último que teria revolucionado a imprensa esportiva e promovido o processo de popularização do futebol, como se antes do jornalista o futebol não tivesse conquistado a atenção da imprensa, tampouco o gosto das camadas populares e o esporte estivesse totalmente restrito às elites.

Silva (2006), sem diminuir o papel desempenhado pelo jornalista na transformação do modo de se fazer jornalismo esportivo e na popularização do esporte, procura apresentar vozes dissonantes aos “tratamentos tautológicos” dados ao jornalismo esportivo do início do século XX, dando destaque, em especial ao trabalho de Leonardo Affonso Miranda de Pereira, com o livro *Footballmania* e demonstrar como já na década de 1910 o futebol começava a se popularizar, mas, o fato da imprensa do período expressar a forma como as elites se apropriavam do futebol desprezando o modo como as camadas populares interpretavam o esporte acaba por tornar a conclusão de que o futebol se restringia às elites mais evidentes.

Estas considerações feitas ao papel desempenhado por Mário Filho são também reforçadas por Hollanda (2012). Ao tratar da trajetória do jornalista à frente do *Jornal dos Sports* e apresentar dados que se contrapõem ao ineditismo e exclusividade de suas ações ele afirma: “os elementos acima apontados devem ser levados em consideração para que as inegáveis inovações empreendidas por Mario Filho não sejam lidas como únicas e absolutas” (p. 90)

Silva (2006) também chama a atenção para outro ponto. No decorrer do segundo decênio do século XX, já conseguimos observar na imprensa, ainda que timidamente, uma mudança nos “recursos de representação” utilizados na cobertura dos acontecimentos esportivos. Se começava a substituir o vocabulário polido, o tom laudatório pelo humor, pela subjetividade dos cronistas, além da substituição das imagens

sérias e engravatadas dos atletas e dirigentes para os “aspectos do *match*”, os lances das partidas, e uma crescente presença de caricaturas e charges de caráter cômico.

O contexto em que este processo de popularização do futebol se inicia em associação à imprensa nos ajuda a compreendê-lo. A partir da virada do século XIX para o XX, a urbanização se intensificou e com ela a população se tornou cada vez mais heterogênea por aglutinar contingentes de diversos lugares. Os conflitos urbanos se tornaram cada vez mais latentes e as populações mais pobres após inúmeros eventos que lhes alijaram suas formas de sociabilidade e vida cultural, como a reforma urbana promovida pelo prefeito Pereira Passos em 1904, na então capital, Rio de Janeiro. Estas populações encontraram no futebol um novo espaço para estabelecerem suas novas formas de sociabilidade atribuindo sentidos e ressignificando a maneira de interpretar e fruir o esporte que destoava da elite. A imprensa, então, atraída pelos lucros que poderiam auferir com o alargamento do perfil de torcedores, começa neste momento a enxergar um novo filão de mercado. (SILVA, 2006) Na medida em que se acirravam as rivalidades e a competitividade, os valores elitistas associados ao esporte começaram a ser quebrados, e a imprensa começa a abrir espaço para esse acirramento das paixões abordando o aspecto emocional dos acontecimentos.

A popularização do futebol nas três primeiras décadas do século XX, portanto, já estava em marcha. João M. C. Malaia Santos (2010) também aponta neste sentido com o que ele chama de “revolução vascaína” ao trazer os crescentes números de público que levou os clubes cariocas à construção e ampliação das arquibancadas. E a imprensa também, como já foi dito, começava a se sensibilizar a esse dado. Mas é inegável o papel de Mário Filho neste processo.

Mário Filho inicia sua trajetória imerso em um período de grandes transformações sociais e culturais, o surgimento das massas urbanas e o desenvolvimento de um mercado cultural que passava a valorizar produções populares como o choro e o samba, a chegada do rádio, a disseminação do cinema. Além disso o Movimento Modernista rompera com as tradições elitistas e europeizadas lançando as bases para o processo de reorganização de valores diluindo as fronteiras entre a “alta” e “baixa” cultura. Esse contexto é crucial para a trajetória de Mário Filho.

O jornalista teve suas primeiras experiências com a linguagem do jornalismo esportivo em 1928, quando seu pai funda o jornal *Crítica*, e o jovem Mário Filho assume a página de esportes. Mas, se no plano cultural e social os anos 1920 mostraram-se

efervescentes, no plano político e econômico eles também foram bastante turbulentos, eleições fraudulentas, crise do café, sucessivas decretações de sítio, repressão política, os levantes militares de 1922 e 1924, o movimento tenentista, fundação do Partido Comunista, a Coluna Prestes e em 1930 a chegada de Vargas ao poder, evento este que afeta diretamente Mário Filho com o fechamento da redação do *Crítica* em outubro daquele ano.

Em 1931 Mário Filho é contratado pelo jornal *O Globo*, e é neste momento que o jornalista dá início às transformações da linguagem do noticiário esportivo após uma disputa interna na redação do jornal pelo formato, o que Silva (2006) chama de “virada de jogo”, “episódio decisivo em que a hegemonia da interpretação elitista do futebol é posta em xeque por um novo discurso sobre o esporte”. (p. 98) Após conquistar essa disputa interna, em 1932, as páginas de esporte de *O Globo* começaram a apresentar as mudanças, que foram em muitos aspectos. A diagramação deixou de ser feita como se todas as notícias fossem parte de um único texto. O título da seção foi substituído por uma manchete. Os textos passaram a ser dispostos de forma independente em blocos separados por espaços em branco ou emoldurados. Os textos traziam, todos, títulos e subtítulos, além de variados artifícios gráficos para dar destaque a partes dos textos como “olhos” em trechos de entrevistas. As imagens foram também outros aspectos de mudanças. Começou-se a utilizar amplamente fotografias dos jogadores trajando os uniformes de jogo e dos lances da partida. Esta nova diagramação buscava quebrar a unidade de discurso do noticiário tradicional ampliando o número de vozes e opiniões disputando a atenção dos leitores.

Além do novo tratamento gráfico, outro aspecto a ser destacado é a forma de obtenção e escrita das notícias. Houve uma transformação na noção do que era um fato jornalístico. Se antes se noticiava o comportamento disciplinado e cavalheiresco dos atletas, se criticava os eventuais comportamentos inadequados, se comentava a elegância da plateia e o glamour dos bailes e chás dançantes, passou-se a abrir espaços para as opiniões, emoções e expectativas dos atletas e torcedores, os detalhes cômicos ou dramáticos dos jogos e dos treinos, as polêmicas que agitavam os bastidores dos clubes e a vida privada dos atletas.

Para explorar essa nova temática e desencravar do cotidiano vulgar dos personagens e instituições esportivas o material para suas notícias, a equipe da página 8 teve que lançar mão de um repertório muito mais variado de

procedimentos de investigação e obtenção dos fatos jornalísticos. [...] *O Globo* enviava seus repórteres aos treinos dos times, aos vestiários dos jogos, à casa dos atletas e aos bares e cafés que frequentavam. Essas incursões pelos bastidores do mundo esportivo eram a oportunidade para entrevistar jogadores e cartolas, tentar conseguir algum furo, fazer novas fotografias e surpreender algum episódio curioso ou conversa reveladora. (SILVA, 2006, p.108)

A linguagem dos textos deixou de ter o tom oratório da crônica esportiva tradicional para assumir uma linguagem coloquial. Os textos passaram a estimular a expectativa do público para os jogos que se transformavam em espetáculos imperdíveis, com o uso abundante de exclamações e adjetivos e também interrogações que criavam o clima de suspense e aguçavam a curiosidade para as partidas. Essas mudanças escapavam da rigidez e formalidade do jornalismo tradicional e caminhavam em direção a uma informalidade que aproximava o esporte, a imprensa e um público consumidor cada vez mais crescente.

Após *O Globo*, Mário Filho adquiri, em 1936, o *Jornal dos Sports*, um jornal diário dedicado exclusivamente a notícias esportivas. À frente do “cor de rosa”, como ficou popularmente conhecido o periódico, o jornalista junto de um corpo de profissionais qualificados e, também influentes, amplia sua atuação para as “esferas decisórias dos Esportes” e desta maneira o jornalista e seu jornal, delineava os destinos esportivos brasileiros. (HOLLANDA, 2012)

O objetivo aqui, neste capítulo, é dedicar-se ao estudo da relação do futebol com as tecnologias de comunicação a partir da chegada do rádio, entretanto, os parágrafos acima, que tratam da relação da imprensa escrita com o esporte, considere importante trazê-los, pois contribuem com elementos relevantes. Demonstram o modo como o esporte, em especial, o futebol foi adquirindo um caráter de espetáculo, num sentido mercantil, um produto a ser comercializado, consumido como uma mercadoria, como (DEBORD, 1997) descreve. Além disso, a transformação ocorrida na linguagem da imprensa esportiva, em especial após Mário Filho, com o leitor, assumindo a presença da subjetividade, das paixões, do humor, da informalidade, indicam a forma como o cotidiano comum das pessoas, a cultura popular atravessa essa relação.

Esta compreensão, que parte dessa noção de que a cultura assume um papel de mediação, tem ganhado força nos estudos de comunicação mais recentes. Christa Berger (2015), destaca que esta perspectiva surge a partir da década de 1980, em especial, com Jesus Martin Barbero, que aponta para a importância de se levar em consideração os

processos sociais e a cultura popular, onde a “massa” deixa de ser amorfa, uniforme, passiva e manipulável. E Silva (2006), se apoia, justamente, em Barbero para refletir sobre esse processo de transformação da linguagem jornalística esportiva. Ele diz:

“Quer sejam resultado de uma leitura que subverte a mensagem ou de uma influência do uso na produção dos bens culturais, esses elementos funcionam, para o autor, como mecanismos de interpelação e reconhecimento, pelos quais os menos favorecidos se veem minimamente projetados nos meios massivos. Por estarem enraizados nas matrizes culturais populares, eles contaminam a comunicação de massas com uma heterogeneidade e um potencial de conflito que perturbam a hegemonia dos discursos modernizantes e civilizadores forjados pelas elites.” (SILVA, 2006, p. 144)

• O FUTEBOL E O RÁDIO

“Eu estou aqui no reservado da imprensa do campo, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou tentar transmitir para vocês que me ouvem um relato fiel do que irá acontecer no campo” (SOARES, 1994). Estas teriam sido as palavras iniciais da primeira locução de uma partida de futebol pelo no Brasil. Elas foram irradiadas pelo locutor Nicolau Tuma, pela Rádio Sociedade Educadora Paulista, primeira emissora de rádio de São Paulo, fundada em 1923. Esta transmissão aconteceu na tarde de um domingo do dia 19 de julho de 1931, em São Paulo, numa partida disputada entre as seleções de São Paulo e Paraná. Sendo a primeira locução de uma partida de futebol pelo rádio, Tuma, sem referenciais para tal tarefa inaugura o modo de locução que se tornou uma marca do rádio esportivo, em especial, das transmissões de futebol, a alta velocidade das palavras. Isto porque o locutor assumiu que deveria dar ao ouvinte uma imagem exata do campo e do jogo enunciando os detalhes como uma metralhadora de palavras. Por este motivo Tuma ficou conhecido como o “*speaker* metralhadora”.

O rádio é introduzido no Brasil, oficialmente, a partir da década de 1920, com a transmissão do discurso do presidente Epitácio Pessoa, em 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência. Mas é somente no ano seguinte que podemos considerar a instalação efetiva da radiodifusão no Brasil com a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Fundada por Roquette Pinto e Henry Morize, a novidade, inicialmente, tal como o futebol, se restringiu às elites, devido aos altos custos de importação dos aparelhos e às mensalidades que se pagava às emissoras. Por isto as

primeiras emissoras tinham em sua denominação os termos “clube” ou “sociedade”. A programação se restringia a concertos de ópera, recitais de poesia, palestras culturais e produções do gênero.

As primeiras emissoras foram regulamentadas com base no regulamento para serviços de radiotelegrafia e radiotelegrafia. A partir da década de 1930, e a chegada de Vargas ao poder, o novo governo, com base em suas intenções de fortalecimento de setores como comércio e indústria nacional e de forte centralização, percebeu o potencial econômico da nova tecnologia. Portanto, neste momento começaram a surgir regulamentações específicas para a radiodifusão, como os decretos 20.047 de maio de 1931 e 21.111 de 1º de março de 1932, que passaram a permitir publicidade, autorizando a veiculação de propagandas no rádio (ORTRIWANO, 1985). Desta maneira, o rádio que, inicialmente, fora concebido como veículo de função educativa e cultural, se transformou, a partir de então, em um veículo comercial voltado ao popular, ao lazer e à diversão, a fim de incentivar o estímulo ao consumo. E neste sentido, os empresários também começam a perceber que o rádio é muito mais eficiente para divulgar seus produtos do que os veículos impressos, em especial, devido ao grande número de analfabetos.

Com este novo caráter comercial e voltado agora para as massas de ouvintes consumidores, a radiodifusão no Brasil começou a viver um período de verdadeira guerra pela audiência, com as emissoras disputando os ouvintes, pois estes garantiam o faturamento. Uma das estratégias das rádios para conquistar o público ouvinte foi se especializarem em campos de atividade. E um desses campos de especialização teria sido, justamente, o esporte, em especial o futebol, já bastante popular.

A percepção e o uso do veículo em associação às camadas e à cultura popular, não se deu apenas em caráter comercial, o caráter político do uso também é notório. Após a chegada ao poder, em 1930, Vargas teria criado o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), encarregado de uma seção de rádio que antecedeu a “Hora do Brasil”. Em 1934, o DOP foi transformado em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, surgindo, então, “A Voz do Brasil”. Posteriormente, em 1939, criava o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), diretamente ligado à Presidência da República, com o objetivo de fiscalizar e censurar não apenas conteúdo das programações radiofônicas, mas também do cinema, teatro e jornais.

Neste período, elementos culturais, em especial, o futebol e o samba, se tornam marcantes entre as camadas populares e ao assumir o poder, em 1930, Vargas tinha entre

seus objetivos uma política de construção de nação e de uma nacionalidade brasileira e enxergou nesses elementos um potencial simbólico para a aproximação entre o Estado e essas camadas populares com intuito de instituir nestas o ideal de um sentimento patriótico. (DRUMOND, 2008)

Com a popularização, a profissionalização do futebol e a autorização da publicidade, o campo esportivo se torna um nicho atraente para o radialismo no Brasil e as emissoras começaram a se movimentar em direção a essa especialização. Entretanto, esse movimento teve de superar dificuldades de ordem técnica, política e comercial.

Antes do sistema de micro-ondas, as transmissões dependiam da disponibilidade de uma linha telefônica. Locutores e operadores faziam dos mais variados esforços para colocar no ar uma partida de futebol, como subir no poste para fazerem a ligação pedir emprestado a linha de moradores que possuíam telefone. (SOARES, 1994) Ainda assim a qualidade sonora não conseguia ser suficientemente inteligível, pois, a comunicação telefônica da época também era extremamente precária.

Na década de 1940 são lançados nos EUA, pela empresa General Eletric, os primeiros emissores em frequência modulada (FM) que permitia uma qualidade técnica na recepção, mas com menor alcance em comparação ao sistema de ondas médias (AM). No Brasil, apenas na década de 1960 que começaram a operar as primeiras emissoras em FM.

Além da precariedade tecnológica para as transmissões das partidas, as emissoras, locutores e operadores tiveram de lidar também com as manobras políticas e comerciais. O jornal *Correio Paulistano* publicou em edição de 11 de agosto de 1934 – “Os numerosos amantes do futebol preferem ficar em casa gozando das delícias do lar, sem sofrer os rigores do sol, vento e chuva”. Outro cronista do *Diário Popular*, também escrevera em 24 de abril de 1934 – “a gente tem a impressão de que está comodamente sentado numa arquibancada [...]. O ouvinte torce mais do que se estivesse no local em que o jogo se realiza”. (SOARES, p. 39 1994)

De acordo com Soares (1994), em 1933, clubes paulistas já se mostravam desconfortáveis com as transmissões diretas das partidas, temendo a diminuição do público em seus estádios e conseqüentemente perda de receita. A APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) teria enviado uma carta à Rádio Record alertando que as narrações dos jogos pelo rádio estariam prejudicando as arrecadações. No ano seguinte

os clubes proibiram as emissoras de fazerem as transmissões diretas. No entanto, essa proibição não se estendeu à Rádio Cruzeiro que passou a ser a única com permissão de transmissão das partidas.

A Rádio Cruzeiro pertencia a um grupo de grande força econômica da época, a Organizações Byington, que além de quatro estações de rádio (duas em São Paulo e duas no Rio de Janeiro, onde inclusive, a rádio Cruzeiro do Sul carioca também detinha exclusividade) também era proprietária da Byington & Cia., pioneira na indústria eletrônica no Brasil, tendo produzido o primeiro aparelho de rádio no país, o rádio Cruzeiro.

O grupo teria conquistado a exclusividade nas transmissões em troca do fornecimento de materiais para iluminação dos estádios a preço de custo além de outras facilidades aos clubes. Além disso o grupo também teria tentado monopolizar a radiodifusão na cidade de São Paulo oferecendo salários até seis vezes maior aos radialistas das emissoras concorrentes, mas a ação não teria dado certo, pois, Paulo Machado de Carvalho, proprietário da Rádio Record, teria proposto cobrir as ofertas. (SOARES, 1994)

Não há precisão em relação até quando durou a exclusividade da Rádio Cruzeiro para transmissão de partidas de futebol em São Paulo, mas em 27 de abril de 1940 é inaugurado na cidade o Estádio Municipal do Pacaembu que passou a abrir as cabines a todas as emissoras. Mas o grupo Byington permaneceu com suas cabines privativas no Parque Antártica e no Parque São Jorge e não permitindo a entrada de radialistas de outras emissoras.

A década de 1930 foi o período de estabelecimento do rádio entre as populações urbanas, se tornando um veículo de comunicação com muito mais poder de penetração em uma sociedade com grande quantitativo de analfabetos, vendendo produtos ditando modas e mobilizando a uma participação ativa na vida nacional, inclusive e em especial através do futebol, como em 1938 em que se transmitiu diretamente da França as partidas da seleção brasileira na Copa do Mundo, afim de explorar a capacidade deste esporte de despertar o sentimento nacional. Segundo Ortriwano (1985), este período “foi importante para que o rádio se definisse em seus caminhos e encontrasse seu rumo na fase seguinte”.

A fase seguinte, isto é, os anos 40, chamada de “época de ouro do rádio brasileiro”, foi o período de acirramento da concorrência entre as emissoras, uma guerra pela

audiência, e se a intenção era obter maior popularidade a programação e a linguagem das emissoras se tornava cada vez mais popular. E é neste período também, que empresas norte-americanas e grandes agências de publicidade começam a investir nas emissoras, especialmente no grande produto criado para conquistar o público, a radionovela. Em 1945, só a Rádio Nacional tinha em sua programação diária 14 novelas.

Algumas emissoras passaram a se especializar em determinados campos de atividade. Com o advento da Segunda Guerra, a necessidade de notícias dos acontecimentos fez com que diversas emissoras se dedicassem de maneira mais estruturada ao jornalismo com a criação de programas que marcaram o gênero. Um desses que conquistou grande destaque foi o Repórter Esso, que foi ao ar pela primeira vez em 28 de agosto de 1941, pela Rádio Nacional, e por 27 anos noticiou os acontecimentos nacionais e internacionais, sempre precedido pelos sons de fanfarras e clarins e se autointitulando a “Testemunha ocular da história”. Isto também permitiu o alinhamento do radiojornalismo brasileiro às agências de notícias internacionais como a UPI – United Press International, e aos modelos de noticiários radiofônicos norte-americanos.

Uma das condições para a exclusividade das transmissões das partidas era a de que a Rádio Cruzeiro se comprometesse a cobrir todos os esportes e por isto ficou conhecida na como “Estação dos Esportes”. No entanto, a Rádio Panamericana foi a primeira emissora a se especializar no jornalismo esportivo. A emissora nasce em 1942, com um projeto inicial de ser uma emissora de novelas, tendo em seu elenco de profissionais nomes que se tornaram conhecidos com Dias Gomes e Mário Lago. Mas este projeto não deu certo e seus proprietários resolveram vendê-la. Em 1946, a emissora foi então incorporada à rede das Emissoras Unidas do grupo Machado de Carvalho, formada pelas rádios Record, Bandeirantes, São Paulo e Excelsior.

Paulo Machado de Carvalho, um aficionado pelo futebol já havia implantado um serviço pioneiro de informações esportivas na Rádio Record, e sua ideia para a Panamericana era torná-la uma rádio esportiva de sucesso, torná-la a “Emissora dos Esportes”. E para isto investiu em infraestrutura e profissionais para implementar na programação da emissora uma jornada esportiva, com plantão esportivo, reportagem de campo e de vestiário e comentários, inclusive, comentários de arbitragem. O radialista Pedro Luís comenta sobre este processo com Soares (1994):

Nós fomos sentindo, com a evolução do futebol e do rádio esportivo, que havia a necessidade de se constituírem equipes de outros setores e de organizar um conjunto que facilitasse a vida do locutor e pudesse valorizar o seu trabalho. Começamos com a colocação de um repórter em campo e um comentarista. Depois aumentamos a equipe de um campo só: tínhamos um homem para abrir as transmissões, um outro para a narração principal, dois repórteres de campo e um plantão esportivo. Completada a equipe de um campo só, passamos a frequentar outros estádios e completávamos o serviço jornalístico e informativo com locutores em outros postos. (SOARES, 1994, p. 46)

Criado em 1948, o Plantão Esportivo foi um grande trunfo da Rádio Panamericana contra as concorrentes. Uma equipe de radioescutas coletava as informações das partidas e as noticiava na programação. Além disso, no mesmo ano a Rádio, atendida nas inovações tecnológicas, adquiriu a primeira máquina de gravação no país e criou o programa “Filmando a Rodada” onde se fazia a retransmissão dos principais lances do jogo.

A partir da década de 1950, com a chegada da televisão, o rádio começou a sair dos seus tempos áureos e teve de se readaptar a uma realidade mais econômica, com menos investimentos, com os astros das radionovelas migrando para o novo veículo. Nesse sentido os astros musicais foram trocados pelos discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias, e os programas de auditório pelos serviços de utilidade pública. Mas um novo componente eletrônico lançado em 1947, permitiu ao rádio explorar uma nova modalidade de audiência, a móvel. O transistor revolucionou o mercado eletrônico quando lançado, pois, além de tornar os aparelhos mais baratos, permitiu ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, não precisando mais ligá-lo às tomadas. (ORTRIWANO, 1985) Esta inovação permitiu o surgimento de uma das imagens mais marcantes nas arquibancadas dos estádios em partidas de futebol, o torcedor com os olhares atentos ao campo e os ouvidos grudados no rádio.

O rádio esportivo, entretanto, continuou muito vibrante ao longo das décadas de 1950 e 1960. E um dos eventos que garantia isto às emissoras esportivas era a Copa do mundo. De quatro em quatro anos as emissoras começavam uma guerra pela audiência apresentando sempre as novidades para a cobertura dos jogos. Em 1958, ao se preparar para o mundial que seria disputado na Suécia, a Rádio Bandeirantes montou uma rede de rádio, chamada de Cadeia Verde Amarela (CVA).

Rodrigo Neves, gerente de operações da Rede Bandeirantes de Rádio, explica que Edson Leite pegou um mapa do Brasil e espetou, nos locais onde havia emissoras que queriam retransmitir o sinal da Bandeirantes, vários alfinetes nas cores verde amarela, ligando o país de norte a sul. Feito o contato com essas rádios, estava formada a Cadeia Verde Amarela, que de 1958 a 1966 funcionou informalmente, sem contrato entre as empresas. As afiliadas captavam o som em ondas curtas da Bandeirantes e faziam a retransmissão do sinal. (SOARES, 1994, p. 54, 55)

Para a Copa do Chile, em 1962, a Bandeirantes, dona da liderança em transmissões esportivas na época elaborou uma nova jogada para o momento em que a televisão ainda não fazia a transmissão direta das partidas, apenas videoteipes no dia seguinte. A Rádio criou um painel luminoso na Praça da Sé, em São Paulo, com autofalantes em cada lado.

Esse painel reproduzia um campo de futebol, com lâmpadas que cobriam toda a sua área, controladas segundo um sistema de interruptores.

Os locutores que irradiavam os jogos receberam instruções para dar permanentemente a posição da bola no campo, no Chile. Em São Paulo, o operador acendia as lâmpadas de acordo com o movimento da bola. Esse arremedo de irradiação direta atraiu multidões de torcedores à Praça da Sé. (SOARES, 1994, p. 55)

Soares (1994) ressalta a importância do radialismo esportivo para a estruturação do jornalismo radiofônico. A autora aponta que em 1941, durante a Segunda Guerra, enquanto o Repórter Esso entrava no ar com texto fornecido por agências internacionais, o noticiário esportivo já era feito normalmente nas emissoras especializadas. E isto se deve à necessidade imposta a estas de acompanhar o período áureo, não só do futebol, mas do esporte brasileiro. De 1938 a 1965, o Brasil viveu uma fase de ascensão, com um terceiro lugar na Copa do Mundo de 1938, segundo lugar em 1950, o título em 1958 e em 1962. Diversos jogadores conquistando reconhecimento internacional, clubes como Botafogo e Santos excursionando o mundo disputando amistosos e torneios. Além disso no boxe, Éder Jofre se torna campeão mundial, em 1965, e Maria Esther Bueno conquista enorme destaque no tênis conquistando diversos títulos. Este cenário impôs às emissoras a necessidade de estruturarem de forma cada vez mais qualificada os seus departamentos de esportes.

- **O FUTEBOL NA TV**

Dois meses após a fatídica derrota da seleção brasileira para o Uruguai em pleno Maracanã, conhecida como *Maracnazo*, na final da Copa do Mundo de 1950, era inaugurada no Brasil a primeira emissora de TV da América Latina, a sexta no mundo, atrás de Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda, a TV Tupi, sob o comando do empresário Assis Chateaubriand. Nos anos seguintes, assim como Chateaubriand, outros empresários da radiodifusão decidiram investir também na nova tecnologia de comunicação, surgindo desta maneira a Rádio Televisão Paulista, em 1951, que mais tarde seria comprada por Roberto Marinho e se tornar a TV Globo, a TV Record, em 1953, entre outras que somariam, em 1959, seis emissoras de TV no Brasil. (JAMBEIRO, 2000).

O rádio ao ser introduzido no Brasil, como dito anteriormente, adquiriu um caráter educativo, e somente depois percebeu-se o seu potencial comercial, a partir de sua popularização. Diferentemente, a TV ao ser introduzida no país, já está sob o domínio do sistema empresarial e por isso a novidade tecnológica desde seu início possuía um caráter comercial. Inicialmente, os aparelhos de tv eram todos importados e custavam caro, restritos somente às camadas mais abastadas dos centros urbanos, em especial, de São Paulo e Rio de Janeiro. No final da década de 1950 empresas estrangeiras começaram a se instalar no país e fabricar aparelhos mais baratos que os importados fazendo crescer o número de aparelhos.

Os governos brasileiros, pós Estado Novo e pós Segunda Guerra, marcaram uma gradual abertura econômica ao capital estrangeiro no país. Em 1949, Estados Unidos e Brasil criaram a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos (CMB-EUA), com o objetivo de elaborar um diagnóstico da economia brasileira e identificar projetos de desenvolvimento e infraestrutura. Vargas eleito em 1950, em seu segundo mandato teve a lista desta Comissão como base para pleitear financiamento em Washington para os projetos de infraestrutura como a criação da Eletrobrás. (ABREU, 2013)

Esta abertura se mostrou ainda mais forte durante o governo de Juscelino Kubitschek (1955 – 1960) com seu Plano de Metas “Cinquenta anos em cinco”. Para promover o desenvolvimento do país, JK garantiu às empresas estrangeiras, em especial,

às automobilísticas, uma reserva de mercado beneficiando-as com generosos incentivos de crédito, fiscais e cambiais.

Foi neste contexto que a televisão começou a se colocar como um promissor veículo de vendas e de entretenimento jamais visto até então no Brasil (JAMBEIRO, 2000). A programação que inicialmente apresentava adaptações de Shakespeare, balé e música clássica para um público mais restrito, logo começou a se popularizar com a montagem dos programas de auditório com música popular e com um grande elemento facilitador, afinal não foi necessário criar nada de novo, mas simplesmente adaptar os já existentes do rádio, com os mesmos profissionais e artistas.

Esses programas eram transmitidos ao vivo e localmente, não era possível uma transmissão em rede nacional. Isto só se tornou possível após o surgimento do videoteipe em 1960. Com esta possibilidade começou a ser adotado a lógica de processos industriais de produção de programas, onde o Rio de Janeiro e São Paulo se tornaram centros produtores suplantando as produções das emissoras locais. Esta lógica que buscava dirigir a industrialização para um consumo de massa germinada no período JK iria se intensificar nos anos seguintes, especialmente, durante a ditadura militar.

A política econômica de JK deixou grandes sequelas inflacionárias, atingindo 33,77% em 1961. Ao assumir após a renúncia de Jânio Quadros, João Goulart apresentou, em 1962, o Plano Trienal, propondo medidas para reduzir a inflação pela metade já no ano seguinte. O que não se confirmou, a inflação se manteve elevando ano após ano. Somando-se aos conflitos políticos, a economia do país foi um dos elementos que fizeram parte do pano de fundo do golpe civil-militar de 1964 que derrubou João Goulart.

Ao assumir o poder, os militares, mantiveram uma política econômica voltada ao desenvolvimentismo, com o Estado exercendo um papel ativo no desenvolvimento industrial do país. Neste sentido o primeiro governo militar, para conter a alta dos preços, começou a intervir nos sindicatos para conter os reajustes salariais e a substituição do regime de indenização por demissão não causada pelo empregado pelo Fundo de Garantia de Tempo de Serviço (FGTS). Em contrapartida, aos empresários, a política foi de favorecimento, onde grandes empresas receberam incentivos fiscais e creditícios. “A promoção aberta da concentração de capital era justificada pela necessidade de incorporar à economia brasileira à economia brasileira avanços tecnológicos, o que só as grandes empresas seriam capazes de realizar.” (SINGER, 2013, p. 189). O autor ainda explica:

Nos anos 1970, começou o processo de globalização, com as rodadas Kennedy de liberalização do comércio mundial, cujo resultado foi a abertura dos mercados dos países ricos da América do Norte e da Europa aos produtos industrializados vindos do exterior, inclusive de países em desenvolvimento. (SINGER, 2013, p. 191)

O governo militar conseguiu com isso tornar o país importante base de exportação de produtos industriais ao mercado mundial. A economia estava em crescimento, lento, mas em crescimento, com a inflação sendo contida. Este foi o pontapé para o chamado “milagre econômico”.

“O governo criou um elaborado sistema de crédito de longo prazo para transações imobiliárias, com saldo devedor sendo corrigido trimestralmente pela inflação e depois o adaptou ao comércio de bens duráveis, de modo a promover o crescimento dos ramos produtores destes bens e, por extensão, também das indústrias que lhes fornecessem matéria-prima e do comércio que lhes distribuisse a produção. Desta forma, começou um período de extraordinário crescimento do PIB brasileiro: 9,8% em 1968, 9,5% em 1969, 10,4% em 1970, 11,3% em 1971, 12,1% em 1972, 14,0% em 1973. (SINGER, 2013, p. 193)

É neste momento, a partir da década de 1970, que a televisão se torna o grande veículo de formação de uma sociedade voltada para o consumo de imagens e das imagens como mercadoria, como espetáculo (DEBORD, 1997). Neste sentido, Douglas Kellner (2001) também busca demonstrar o modo como a televisão passa a dominar o tempo do lazer estabelecendo os paradigmas e referenciais políticos e morais forjando a identidade das pessoas, estabelecendo o que o autor procura definir como “cultura da mídia”. E o autor também sublinha esse papel destacado da TV:

“Como fenômeno histórico, a cultura da mídia é relativamente recente. Embora as novas formas da indústria cultural descritas por Horkheimer e Adorno (1972) nos anos 1940 – constituídas por cinema, rádio, revistas, histórias em quadrinhos, propaganda e imprensa –, tenham começado a colonizar o lazer e a ocupar o centro de comunicação e cultura nos Estados Unidos e em outras democracias capitalistas, foi só com o advento da televisão, no pós-guerra, que a mídia se transformou em força dominante na cultura, na socialização, na política e na vida social” (KELLNER, 2001, p. 26)

É a partir deste período também que o futebol se torna uma *commodity* (JENNINGS, 2011). Após a eleição de João Havelange em 1974, o futebol se torna um produto altamente rentável, onde a FIFA, entidade reguladora do esporte, passou a comercializar os direitos de marketing, atraindo negócios com grandes marcas multinacionais como Coca-Cola e Adidas. Os direitos televisivos do grande evento esportivo de futebol que é a Copa do Mundo também demonstram esse novo caráter. O primeiro campeonato mundial de futebol televisionado, em 1954, ainda não grande valor de mercado, no entanto, a partir do mundial de 1978, na Argentina, é possível identificar a crescente escalada de valores dos direitos comercializados, saltando de 15 milhões de euros, em valores atualizados, naquele ano, para 991 milhões no mundial de 2006, na Alemanha. (FRANCO JUNIOR, 2007)

O futebol dos clubes também acompanhou essa nova relação mercadológica, de venda de direitos televisivos, superando em alguns casos a arrecadação de bilheteria. Essa valorização comercial do futebol fez com que, em certos casos, clubes fossem sondados ou mesmo comprados por donos de empresas de comunicações. Foi o caso de Silvio Berlusconi, na Itália, que adquiriu, em 1985, o Milan AC. Em 1991, o mesmo Berlusconi tentou também adquirir o Paris Saint-Germain, mas o clube francês acabou sendo adquirido pelo grupo proprietário da televisão a cabo Canal Plus.

No Brasil, essa nova relação mercadológica liberal entre o futebol e a TV encontrou difíceis entraves para sua implementação (HELAL, 1997) (FRANCO JUNIOR, 2007). Em 1987, treze clubes de cinco estados iniciaram um movimento no sentido de modernizar a organização dos campeonatos e torná-los mais rentáveis para os clubes buscando escapar das relações tradicionais de controle do futebol pela CBF e as federações regionais. Neste ano, o Clube dos 13, organizou, então a Copa União, que passou a permitir a publicidade nos uniformes e comercializar os direitos de transmissão à TV. A experiência acabou explicitando o chamado amadorismo na gestão dos clubes, mas abriu as frestas para o processo de comercialização do futebol no Brasil. A partir da década de 1980 campeonatos europeus também começaram a ser transmitidos pelos canais Bandeirantes de televisão e pela Globo. A década de 1990 marca a chegada dos canais fechados por assinatura, como a ESPN, com a programação norte-americana e posteriormente a criação da ESPN Brasil, com programação produzida no país, e o surgimento da Sportv, inicialmente chamada de Top Sport.

- **O FUTEBOL NOS APP'S**

No terço final do século XX e fim do segundo milênio, enquanto a TV se consolidava cada vez mais como o principal veículo de comunicação, novas tecnologias no campo da microeletrônica estavam sendo desenvolvidas e aprimoradas e promoveram, em especial, a partir da década de 1990, o que Manuel Castells (2020) classifica como uma revolução, capaz de “remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado” (p.61). Me refiro a chegada da internet ao público geral e o seu funcionamento em rede:

A lógica do funcionamento de redes, cujo símbolo é a internet, tornou-se aplicável a todos os contextos e a todos os locais que pudessem ser conectados eletronicamente. A ascensão da telefonia móvel, liderada pela Nokia e pela Ericsson em 1997, conseguia enviar dados a 384 kilobits por segundo e receber 2 megabits por segundo, em comparação com a capacidade de linhas de cobre de transportar 64 kilobits de dados por segundo. Além disso, o extraordinário aumento da capacidade de transmissão com a tecnologia de comunicação semelhantes à internet, para transmitir voz, além de dados, por meio de troca de pacotes, o que revolucionou as telecomunicações e sua respectiva indústria. (CASTELLS, 2020, p.107)

Neste cenário a economia também se alterava e se tornava cada vez mais globalizada, pois, as atividades produtivas, bem como o consumo e a circulação passaram a ser organizadas em escala global e em rede entre os agentes econômicos. (CASTELLS, 2020) Para Castells o grande produto dessa nova economia, que ele chama de informacional, que surge a partir dessa revolução das tecnologias da informação são dispositivos de processamento das informações que assim passaram a penetrar mais, nos mais variados domínios da atividade humana.

Esta penetrabilidade passou a ser cada vez mais evidente com a virada do século e do milênio e a difusão da Comunicação Mediada por Computadores – CMC – (CASTELLS, 2020) ou como preferem (CALVÃO, PIMENTEL, FUKS, 2014) Conversação Mediada pela Computação – CMC. O sistema CMC alterou completamente a lógica das tecnologias de comunicação permitindo através do ciberespaço (MUSSO, 2006) uma interação instantânea entre o emissor e o receptor da mensagem.

A primeira década do século XXI é marcada pela difusão do email, das salas de bate-papo on-line, das redes sociais como o Orkut e o Facebook e da telefonia móvel que introduziu no cotidiano dos usuários os app's, aplicativos com os mais variados usos,

funções e objetivos disponíveis nos dispositivos móveis. A ubiquidade foi se tornando cada vez mais uma marca destas inovações tecnológicas de comunicação que foram se impondo, modificando as formas de interações entre as pessoas para o que Sodré (2006) chama de *mediatização*, onde as interações são mediadas por essas novas tecnologias.

Trabalhos acadêmicos, em especial, no campo da comunicação têm buscado demonstrar como o futebol vem se enquadrando nesse contexto. Em um artigo publicado na Revista de Estudos Universitários, Dário Leite e Cláudio N. P. Coelho (2020) apontaram para o uso por parte da audiência de partidas de futebol do que eles chamam de segunda tela, smartphones ou tablets para interagirem através da rede social, no caso o Twitter, durante as transmissões dos jogos, utilizando as *hashtags*, ferramenta originária desta rede social, que cria um fluxo específico para um determinado assunto. Mas os autores procuram demonstrar como as *hashtags* atuam muito mais do que indexadores de assuntos, mas também moldando os modos de pensar, agir e se expressar, através dos algoritmos. “Esses algoritmos trabalham para filtrar as enormes quantidades de dados gerados, conectar e direcionar conteúdos e publicidade para usuários e incentivar o uso massivo das plataformas”. (LEITE, COELHO, 2020, p. 285)

Débora Gauziski e Fausto Amaro (2015) demonstram como o Instagram também tem sido utilizado para o que os autores apontam como produção de presença através das *hashtags*. Ivan Satuf (2014) analisa como a ubiquidade também está dentro dos estádios. Em 2012 a Rede Globo criou um quadro para o programa dominical Esporte Espetacular, chamado “Profetas do Brasileirão”, onde o torcedor é incentivado a usar seus dispositivos móveis e filmar o lance no qual ele prenuncia o gol, reproduzindo o modelo de reportagem muito utilizado pelo repórter Régis Rösing na beira do campo. O torcedor desta maneira não é mero espectador, agora ele tem sua própria câmera e é convidado a contribuir para o espetáculo reforçando a *mediatização*. (SATUF, 2014)

Um dos aplicativos mais baixados a partir de 2019 (MONTEIRO, 2020), o TikTok, uma rede social de compartilhamento de vídeos, passou a ser utilizado também como meio de interação entre alguns canais de esporte e sua audiência. Na última edição da Eurocopa, 2021, a empresa foi uma das patrocinadoras do torneio e o filme publicitário também reforça essa condição *mediatizada* da sociedade atual. No vídeo cenas variadas de jogos interagem com telas da rede social que apresentam cenas de vídeos compartilhados. E o lema da campanha no final do vídeo é ainda mais revelador: “onde a torcida joga”.

O modo de se assistir a uma partida de futebol está sendo alterado por essas transformações das novas tecnologias digitais de comunicação. E essas alterações estão ocorrendo de forma cada vez mais aceleradas. Lopes (2014), examinando os processos de recepção, mediação e midiatização nos estudos sobre os rumos da comunicação na América Latina e no Brasil, ressalta um elemento importante, dessa relação dos meios de comunicação com o público, apontado por Martín-Barbero (2010, apud LOPES, 2014) em seu mapa metodológico das mediações. Esse elemento que a autora ressalta é a temporalidade. Ela diz:

A temporalidade contemporânea configura a crise da experiência moderna do tempo, que se manifesta na transformação profunda da estrutura da temporalidade, no culto ao presente, no debilitamento da relação histórica com o passado e na confusão dos tempos que nos prende à simultaneidade do atual. (LOPES, 2014, p. 72)

Para o historiador francês François Hartog (2019) essa crise do tempo que teria como marco a queda do muro de Berlim em 1989 foi desencadeada pelas inovações tecnológicas e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo. Diz ele:

Se o tempo é, há muito, uma mercadoria, o consumo atual valoriza o efêmero. A mídia, cujo extraordinário desenvolvimento acompanhou esse movimento que é, em sentido próprio, sua razão de ser, faz a mesma coisa. Na corrida cada vez mais acelerada para o *ao vivo*, ela produz, consome, recicla, cada vez mais palavras e imagens e comprime o tempo: um assunto, ou seja, um minuto e meio para trinta anos de história. (HARTOG, 2019, p. 148)

O desenvolvimento das novas tecnologias digitais e móveis impôs aos veículos de comunicação, dos impressos à TV, e ao público consumidor uma relação marcada por essa ubiquidade e pelo consumo acelerado de informações e imagens que não podem durar mais que dez minutos, no caso do TikTok, dispostos em uma *timeline* em que o usuário rola a tela para cima e para baixo em movimentos frenéticos dos dedos polegares selecionando e descartando o conteúdo a ser consumido.

CAPÍTULO 3 – O FUTEBOL: NAS ONDAS, NAS TELAS E NA SALA DE AULA

É neste cenário de redes sociais, dispositivos móveis e digitais, de *hashtags*, *timelines*, que os jovens, alunos do Ensino Médio Regular estão inseridos e dos quais são nativos. São sujeitos que são íntimos deste mundo digital e desconhecem, por vezes, completamente outras tecnologias como mostro mais adiante. Aqui, neste capítulo, explico a metodologia da aula planejada para refletir estas questões com os alunos.

- **A PROPOSTA DA AULA – O USO DA HISTÓRIA ORAL**

Em História oral na sala de aula, Ricardo Santhiago e Valéria B. de Magalhães (2015) apontam para o crescimento do uso desta, que se tornou uma especialidade acadêmica, um método de pesquisa para a História, nos espaços escolares. Esta tendência é reforçada pela publicação de História oral e práticas educacionais, organizado por Carla Simone Rodeghero, Lúcia Grimberg e Méri Frotscher em 2016, do qual Santhiago (2017) afirma consolidar e ampliar as discussões motivadas pelo 13º Encontro Nacional de História Oral e sistematizar reflexões e experiências sobre o uso de história oral no ensino.

O uso da história oral em sala de aula permite ao professor escapar do modelo tradicional de ensino que promove puramente a difusão de saberes pronto e enxerga os alunos como meros receptores de informações. Ao entrar em contato com histórias vividas e contadas por sujeitos, os alunos têm uma oportunidade de compartilhar visões, ideias e opiniões acerca do que foi, e de como foi vivido num dado tempo e em dado lugar. O uso da história oral possibilita uma interação maior entre o professor e os alunos e entre estes e o mundo. (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015)

Há dois caminhos possíveis para se trabalhar com história oral na sala de aula, como apontam Santhiago e Magalhães (2015). O primeiro caminho é o de desenvolver com os alunos um projeto onde os próprios produziram as fontes orais, indo a campo e entrevistando os sujeitos. Entretanto, este caminho, exige um trabalho cuidadoso e importante a ser desenvolvido com os alunos como destacam os autores acima. Verena Alberti (2005) também enfatiza a atenção necessária a esses aspectos técnicos para este trabalho de captação e tratamento das fontes. Marcos Fábio F. Montysuma (2006), citando Alberti, também destaca a importância de se munir de informações e histórias das

pessoas a serem entrevistadas para uma melhor compreensão destes sujeitos. Este caminho, apesar de promissor, exige um trabalho longo com os alunos.

A opção que faço é pelo segundo caminho. O uso e o aproveitamento de fontes consolidadas, de entrevistas prontas e disponíveis em acervos digitais. E para esta escolha, procuro me pautar na defesa feita pela historiadora Anita Lucchesi (2014), para a qual, a tecnologia permite uma aproximação entre a história oral e a história do tempo presente. Além disso a autora indica uma grande experiência de arquivo digital de entrevistas e depoimentos no Brasil, o *site* do Museu da Pessoa.

“No Brasil também verificamos a presença na web de um arquivo semelhante em alguns aspectos ao *Memoro* e ao *Herstories*, o *Museu da Pessoa*. Trata-se de um museu virtual e colaborativo basicamente dedicado a histórias de vida que, como os outros dois, organiza-se sobretudo em torno da oralidade, reunindo testemunhos pessoais em formato audiovisual. Há testemunhos de personalidades conhecidas no Brasil (como Laerte Coutinho e Ziraldo), mas também de pessoas ‘anônimas’.” (LUCCHESI, p. 45. 2014)

Seguindo a indicação de Lucchesi (2014), utilizo uma entrevista e um depoimento voluntário do acervo do Museu da Pessoa. A entrevista publicada em 2013 com o radialista Walter Dias⁵, permite aos alunos uma análise de como o sujeito vivenciou o período conhecido a “época de ouro do rádio”, sua relação com as tecnologias que viabilizavam o seu trabalho de radialista e como ele enxerga as novas tecnologias, além da possibilidade de trabalhar com os alunos a percepção das noções de permanências e rupturas, necessárias para o estudo da história. O entrevistado relata, como a relação que tinha na infância com o rádio e o futebol, foi determinante na sua escolha profissional, pois desde criança brincava de narrar “peladas da molecada”, as grandes dificuldades que se enfrentava no período para “irradiar” as partidas de futebol, mas que foram melhorando com o desenvolvimento das tecnologias. Ele compara a grande facilidade atual de se transmitir partidas de futebol com a época em que atuava como radialista.

⁵ Ver: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/paixao-pelo-radio-paixao-pelo-santos-3345>. Acessado em 19/06/2022

R – Eu tenho, porque nós não podíamos... Veja bem, nós guardávamos os principais lances que eram os lances de gol. Porque nós montávamos uma transmissão. Por exemplo, hoje, no dia seguinte de manhã, o operador montava pra apresentar os gols no programa de esportes. Mas devido às dificuldades que eu já te falei, dificuldades técnicas, muitas vezes a gravação não saía com perfeição, que eu peguei uma época também que já atingia, já estava o país, no que se diz respeito a telecomunicações, já estava se modernizando. Então eu peguei uma época já modernizando. Uma época ruim, difícil, mas eu peguei uma época boa. Hoje já está muito melhor até. Porque a evolução do tempo faz com que a telecomunicação... Eu fui irradiar o jogo na Argentina, eu tive dificuldade de irradiar um jogo na Argentina. Você hoje vai irradiar um jogo em Manaus que é longe, você chega no estádio com um trabalho com a Embratel, você fala como se eu estivesse conversando com você. E hoje o Brasil tem, na América do Sul, um dos mais perfeitos serviços em telecomunicação. Talvez seja até um dos melhores do Mundo, devido sempre à evolução no nosso sistema.

P/1 – Agora, essa evolução que o senhor se refere, o ponto positivo seria o avanço tecnológico?

R – Tecnológico.

P/2 – Teve alguma coisa de ruim que ela trouxe?

R – Como?

P/2 – Assim, do ponto de vista do trabalho mesmo dos radialistas?

R – Não.

P/2 – Toda essa evolução...

R – Há anos atrás as dificuldades eram imensas.

P/2 – Sim e hoje?

R – Hoje não. Hoje dificilmente você chega num lugar pra transmitir jogo e você não fala na hora com a tua rádio.

A outra fonte que utilizo do acervo do Museu da pessoa é um depoimento dado voluntariamente por Jerdivan Nóbrega de Araújo.⁶ Jerdivan é um torcedor que relata como foi a sua experiência de torcer pela seleção brasileira na Copa de 1970, a primeira copa com a transmissão ao vivo pela televisão, na cidade de Pombal, interior da Paraíba, onde morava na época. Em seu relato, Jerdivan fala da chegada da TV na cidade, mas,

⁶ Ver: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/a-copa-de-1970-e-o-selo-do-milesimo-gol-de-pele-1969-51949>. Acessado em 19/06/2022

conta as dificuldades de sintonizar o sinal, tendo que complementar as imagens com o som da narração do rádio.

Pombal vivia uma época de poucas novidades e a maior delas era a chegada da Televisão, que começou a ser instalada no ano anterior, com muito suor e persistência, em uma história já muitas vezes contada. Eu vi, através da Rede Tupy de Televisão, apenas o último jogo. Tinha eu nove anos de idade, e jamais me saiu da memória aquela cena: a casa era de Seu Raminho e Dona Neuza. Uma sala pequena, uma televisão a frente e um moleque em cima da casa rodando as antenas (eram três) para um e outro lado. O som era inaudível o que foi resolvido com um rádio sintonizada na Rádio Globo. Ao final de cada jogo as ruas, onde até então imperava o silêncio, ganhavam vida com fogos e buzinações dos poucos carros que circularam pelas ruas principais da cidade. Nas janelas, os rádios em bom som, aglomeram torcedores que usavam a imaginação para desenhar em suas memórias os dribles de Pelé, narrados pelos não menos fenomenais Jorge Curi ou Waldir Amaral que, com seus bordões, davam “show” de narração, junto com Mario Viana, o primeiro analista de arbitragem que se tem notícias - O que foi que só você viu Mário Viana??? - êêêrrrrroooooou o juiz... - góooolll lééééégál...

Com este depoimento de Jerdivan é possível analisar com os alunos o contexto de popularização da televisão no Brasil e pensar com eles como a apropriação e o acesso às novas tecnologias são diferentes e mesmo desiguais e como essa variação vai ocorrer a depender do lugar e do grupo social ao qual o sujeito faz parte. Esta reflexão fica ainda mais clara a partir da outra fonte que utilizo aqui. Esta fonte são materiais audiovisuais produzidos pelo Grupo Globo, a partir de seu programa intitulado Memória Globo, criado em 1999, dedicado a resgatar e contar a história do Grupo.

O coração do trabalho desenvolvido pelo Memória Globo é o seu programa de Memória Oral. São entrevistas com jornalistas, autores, atores, apresentadores, diretores, engenheiros, executivos, cinegrafistas, produtores, cenógrafos, figurinistas, editores, iluminadores, entre outros profissionais que trabalham ou já trabalharam no Grupo, que, ao falarem sobre suas histórias de vida, com ênfase na trajetória profissional, fornecem elementos para traçar um panorama da história da Globo e da televisão no Brasil. Esses depoimentos se revelam, ainda, fundamentais para documentar as transformações pelas quais passaram as indústrias da comunicação e do audiovisual, e as profissões a elas

relacionadas. Em seus mais de vinte anos de existência, já foram colhidos cerca de 1200 depoimentos, totalizando quase 3 mil horas de gravação.⁷

Parte deste acervo do Memória Globo é uma série de vídeos sobre as copas do mundo, um para cada Copa. Além do *site*⁸ esse material também pode ser encontrado pela plataforma do Youtube⁹. No vídeo sobre a Copa de 1970, o jornalista Leo Batista, em seu depoimento, fala sobre o fato de assistir os jogos pela TV e relembra uma discussão se os jogos foram transmitidos a cores ou em preto e branco, mas que para ele não há dúvidas, pois garante que assistiu os jogos a cores, diferentemente de Jerdivan que precisou recorrer ao auxílio do rádio para acompanhar os jogos devido às dificuldades de sintonizar a transmissão pela TV.

No mesmo vídeo, outro depoimento nos ajuda a pensar o processo de mudança do caráter do esporte com o advento das transmissões ao vivo pela televisão, em especial, de grandes eventos como a Copa do mundo, como trago no capítulo anterior. O jornalista Armando Nogueira afirma que:

“Com o crescimento da televisão, a cobertura dos eventos esportivos de dimensão mundial como, sobretudo, Copa do Mundo e jogos olímpicos, nós tivemos que nos preparar para fazer, ao mesmo tempo, esporte como espetáculo e esporte como informação.”¹⁰

Ao se trabalhar com essas fontes com os alunos é muito importante chamá-los a atenção de que estamos lidando com fontes produzidas a partir da memória dos sujeitos. É importante alertá-los de que a memória não registra os fatos como foram vividos ou aconteceram de maneira rigorosa. São lembranças que acessamos que são filtradas de acordo com as circunstâncias do presente, por isso, uma mesma pessoa pode elaborar relatos diferentes dependendo do momento e das circunstâncias em que recorda do evento. A memória produz sempre uma versão possível dos acontecimentos. Ela é permeada pela fatualidade, mas especialmente, pela impressão, ou seja, pela forma como

⁷ <https://memoriaglobo.globo.com/noticia/equipe.ghtml>. Visualizado em 21/11/2022

⁸ <https://memoriaglobo.globo.com/busca/?q=copa+do+mundo>. Visualizado em 21/11/2022

⁹ https://www.youtube.com/results?search_query=mem%C3%B3ria+globo+copa. Visualizado em 21/11/2022

¹⁰ <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-do-mexico-1970/noticia/copa-do-mundo-do-mexico-1970.ghtml>.

os acontecimentos foram digeridos pelos sujeitos, é sempre a percepção de quem narra. (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015)

Proponho a divisão da aula em dois momentos, ou em duas aulas. Para a execução destas aulas utilizo uma plataforma disponível na internet, chamada Padlet, que permite criar murais virtuais e interativos.¹¹ Todos os materiais citados acima estão dispostos neste mural e serão disponibilizados aos alunos. A primeira parte da aula será dedicada ao contexto do desenvolvimento das tecnologias do rádio e da televisão e a transformação do futebol num grande espetáculo, produto da indústria do entretenimento, com o processo de liberalização da economia mundial e o advento da globalização a partir da última década do século XX. Os alunos devem ter acesso ao mural com as entrevistas com um prazo de uma semana de antecedência para leitura e serem estimulados a se atentar para:

- quem é o entrevistado ou o depoente
- a data em que conta sua história
- onde e quando acontece a história que conta

A segunda parte, ou segunda aula é destinada ao contexto do desenvolvimento da internet, do surgimento das novas tecnologias digitais de comunicação, na virada do século XX para o século XXI e a chegada de um novo milênio, num cenário chamado globalização. Para isso, após a primeira aula, proponho disponibilizar o acesso dos alunos ao mural virtual, para que eles deixem seus próprios depoimentos de como costumam acompanhar partidas de futebol, norteando as seguintes questões:

- Costumam assistir as partidas somente pela TV?
- Assistem as partidas pelos dispositivos móveis (tablet ou celular)?
- Costumam assistir as partidas inteiras?
- Ao ir aos estádios costumam fazer vídeos e fotos para serem postadas em redes sociais?

Os relatos produzidos pelos alunos devem ser utilizados como fontes para as discussões propostas para essa segunda aula. A ideia é refletir sobre como as tecnologias digitais de comunicação marcam esse nosso tempo presente globalizado e de como eles,

¹¹ <https://padlet.com/dashboard>.

os alunos, a partir dos seus relatos, estão vivenciando esse tempo tecnológico (SOSSAI; MENDES, 2016) e presentista. (HARTOG, 2019)

Além dos depoimentos dos alunos, para o desenvolvimento da aula, no mural estão dispostos fotos e vídeos que contribuem para estas reflexões. Um dos vídeos é um material publicitário da rede social de compartilhamento de vídeos Tik Tok, disponível no Youtube¹². A empresa foi uma das patrocinadoras da edição da Eurocopa de 2020 e produziu esta publicidade, em que a mensagem no final da peça é “onde os torcedores jogam”.¹³ No vídeo, cenas de partida de futebol são sobrepostas e combinadas por telas que mostram vídeos dos usuários da rede social, que dão uma nova continuidade à cena original. É possível pensar a intenção de transmitir uma ideia de que ao utilizar esta rede social o usuário tem uma experiência mais interativa com as partidas de futebol.

Outro vídeo, é um material produzido por um torcedor anônimo no estádio, em que ele liga a câmera do seu aparelho celular e narra o que está acontecendo na partida, um pênalti seguido do gol, e na sequência filma a reação da torcida.¹⁴ Este vídeo e a imagem a seguir contribui para desenvolver a reflexão da noção de ubiquidade que trouxe no capítulo anterior, como uma das marcas desse nosso tempo. A imagem é da final da edição da Copa Libertadores da América de 2020, disputada entre Palmeiras e Santos. Ela captura o momento exato em que o jogador do Palmeiras cabeceia a bola e marca o gol que definiria o resultado da partida e daria o título ao Palmeiras. Ao fundo, podemos observar um casal alheio ao lance posando para uma *selfie*.

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=N8tmkjjq-6Y>. Visualizado em 19/06/2022

¹³ Tradução minha para a frase original “Where fans play”.

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=J5q7iqA1lgA>. Visualizado em 19/06/2022



Imagem do momento do gol do Palmeiras na final da Copa libertadores 2020¹⁵

- **A EXPERIÊNCIA DA AULA**

A proposta dessa aula foi pensada, inicialmente, para a modalidade de ensino remoto durante o contexto da pandemia de Covid-19. Com o retorno da modalidade integralmente presencial a dinâmica que seria feita de maneira virtual e remota teve de ser pensada com o uso de equipamentos e espaços físicos da escola. O retorno das atividades presenciais na escola foi bastante conturbado em diversos aspectos. Os alunos ao retornarem às atividades presenciais, após dois anos, exclusivamente, em ensino remoto, apresentaram grandes dificuldades de comportamento em sala de aula, de cumprimento de regras e horários comuns à dinâmica da escola, problemas de sociabilidade, irritabilidade, ansiedade. Uma série de questões que impôs à escola priorizar um trabalho de acolhimento e readaptação a esses alunos. Essa situação se mostrou um desafio em diversas escolas, públicas e privadas no Brasil.¹⁶ Além dessas questões tive que lidar com o fato da escola possuir apenas um equipamento de projeção que é fixo no auditório e o seu uso deve ser agendado. Com tudo isso foi possível realizar

¹⁵ <https://pbs.twimg.com/media/EtJeLFkXYAMrj6F.jpg>. Visualizado em 19/06/2022

¹⁶ Ver <https://exame.com/bussola/retorno-as-aulas-presenciais-traz-desafio-de-manter-a-saude-mental/>. Visualizado em 27/11/2022

a aula em apenas uma data, entre o fim do período de provas do segundo bimestre e o recesso de meio de ano em julho.

Para a execução da aula foram necessários:

- Um computador com acesso à internet
- Um projetor de imagens
- Uma caixa de som

O acesso ao mural virtual foi disponibilizado aos alunos uma semana antes da data da aula, via e-mail, para leitura prévia das entrevistas e visualização dos vídeos. Início explicando o objetivo da aula: obter uma compreensão sobre o contexto da globalização a partir do desenvolvimento das tecnologias de comunicação associado ao futebol. Todo o desenvolvimento da aula é acompanhado pelo mural virtual em que, além das entrevistas e dos vídeos do acervo do Memória Globo, outros materiais estão dispostos em um formato de linha do tempo.

Ao tratar do período de introdução e popularização do rádio no Brasil reproduzo para eles o áudio da narração do gol do Uruguai contra o Brasil na final da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã, no que ficou conhecido como *Maracanzo*. Após a reprodução faço duas provocações a eles, se alguém já havia ouvido esta narração e se alguém entre eles, ouve ou já ouviu partidas de futebol pelo rádio. Em relação a primeira questão a negativa foi unânime, sobre a segunda, apenas um aluno respondeu que ouviu algumas vezes quando ficou sem internet. Uma outra aluna ficou surpresa, pois, imaginava que não existisse mais rádio.

Ao trabalhar com a entrevista do radialista Walter Dias, chamou a atenção dos alunos as dificuldades técnicas que ele relata para se fazer as transmissões das partidas nas décadas de 1950 e 1960. Alguns alunos relataram dificuldades na leitura desta fonte, pois, ficaram confusos porque os assuntos mudavam de uma hora para outra e depois voltava a se falar sobre algo já dito. Então, explico que de fato, uma das características de algumas fontes orais é essa não linearidade da história.

O depoimento de Jerdivan, trabalhado em sequência, os alunos já demonstraram maior interesse, segundo eles por ser mais curto e “direto”. Associado à fala do jornalista Leo Batista sobre a questão das transmissões das partidas ao vivo pela TV, os alunos perceberam como a tecnologia da televisão foi vivenciada de maneira diferente pelos sujeitos. Chamei a atenção também para a fala do jornalista Armando Nogueira sobre

tratar a transmissão da Copa do mundo como um espetáculo, para refletir com eles essa mudança no caráter do esporte num contexto de liberalização da economia.

Nesse momento faço a transição para a parte da aula destinada a tratar da globalização a partir do desenvolvimento da internet e das novas tecnologias digitais de comunicação. Essa segunda parte da aula deveria acontecer em uma outra data, seguindo a minha proposta original, como coloquei mais anteriormente. No entanto, devido aos problemas postos acima, esta se inviabilizou. Neste sentido não foi possível solicitar aos alunos que registrassem seus depoimentos, sobre como costumam acompanhar partidas de futebol, no mural, para serem utilizados na aula.

No entanto, fiz esta provocação a eles na própria aula. De uma turma de quarenta alunos, todos afirmaram assistir as partidas pela TV. Logo na sequência, eles desenrolaram outros comentários, como, quando há jogos no mesmo horário, como jogos dos campeonatos europeus, eles utilizam o aparelho celular para acompanhar os lances e/ou os resultados. Ao indagar em relação a assistir partidas inteiras, os alunos responderam que “depende do jogo”, quando o jogo “está chato” eles se voltam para os aparelhos celulares para rolar as *timelines* das redes sociais até acontecer algum lance perigoso no jogo. Sobre ir ao estádio e utilizar o celular para tirar fotos, *selfies*, e fazer vídeos, notei que lhes pareceu uma pergunta sem sentido pela obviedade da resposta positiva.

Então, peço para eles guardarem todos esses comentários, pois retornaríamos a eles. Faço uma explanação cronológica, breve, sobre o desenvolvimento da internet e das tecnologias digitais e o modo como contribuíram para a globalização, compreendendo o conceito, a partir da ideia de aproximação, diminuição das distâncias e do tempo de respostas. Tornando as relações econômicas e sociais cada vez mais dinâmicas e ágeis.

Procuró ressaltar também que, assim como eles perceberam a partir do depoimento de Jerdivan, em relação à chegada da TV, de que a experiência com a nova tecnologia variou de acordo com a realidade vivida por cada sujeito, também devem se atentar para isso em relação à essas novas tecnologias digitais, pois, estas também são produzidas e consumidas dentro de uma realidade de profundas desigualdades.

Ao retomar as noções de diminuição das distâncias e do tempo, acrescento a noção de como essas novas tecnologias digitais de comunicação passaram a orientar as nossas relações, de como nossas ações são orientadas a partir dessas tecnologias. E para refletir

sobre isso recorro as respostas e comentários feitos por eles apresentando os materiais expostos no mural, já mencionados acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula teve a duração de dois tempos de cinquenta minutos, portanto, 1 hora e 40 minutos. Apesar de não ter acontecido integralmente como planejado, avalio como positiva essa experiência de aula. Pude observar uma maior participação dos alunos, se sentindo mais à vontade para fazer comentários e responder às provocações. Nem todos os alunos eram familiarizados com futebol ou mesmo gostavam do esporte, no entanto, conseguiram compreender a proposta de reflexão da aula, a forma como as tecnologias digitais de comunicação orienta as nossas vidas, é uma chave de interpretação desse nosso tempo globalizado. Ao término da aula, alguns alunos vieram até mim, trazer outros comentários. Uma aluna comentou em relação aos *shows* de música em que todas as pessoas da plateia estão segurando o celular, gravando e fazendo *lives* no Instagram. Um aluno perguntou “professor, o senhor conhece o Casimiro?”¹⁷, ao responder que sim ele emendou “ele estava transmitindo jogos do Carioca pelo Twitch¹⁸, tu viu? Bem melhor que na TV”

Acredito, portanto, ter conseguido com essa experiência alcançar o objetivo principal deste trabalho, que era o de levar para a sala de aula uma forma de trabalhar um tema tradicionalmente cobrado no currículo escolar, que aproximasse mais, este, dos alunos, através da história do esporte, neste caso, do futebol e sua relação com os meios

¹⁷ Casimiro foi apresentador e comentarista de futebol pela TV Esporte Interativo (atualmente TNT Sports Brasil e pelo SBT Esportes Rio. Em 2020 por conta da pandemia de Covid 19 começou a fazer *lives* pela Twitch para comentar o futebol brasileiro e “sua paixão” o “Vascão”. Suas *lives* se tornaram um fenômeno de audiência com uma linguagem informal e descontraída, atraindo parcerias como a feita com a NETFLIX, para comentar em uma *live* o documentário produzido sobre o Neymar, a convite do próprio jogador. Em janeiro de 2022, ele conseguiu comprar os direitos de transmissão online do Campeonato Carioca. Ver <https://www.nexojornal.com.br/expresso/article276255.ece>. Acessado em 15/12/2022

¹⁸ A Twitch TV é uma plataforma de *streaming* de jogos. Fundada em 2005 com o nome de justin.tv pelo americano Justin Kan, a plataforma nasceu com a proposta de ser um site usado para que as pessoas fizessem *lives* de suas vidas, algo no estilo dos reality shows. O objetivo, no entanto, não teve sucesso e a categoria de jogos começou a crescer no site. Em 2011, o nome do serviço mudou para Twitch, palavra em inglês que significa um movimento curto e rápido, como um espasmo. Em 2014 a Twitch foi comprada pela Amazon. Ver <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/06/o-que-significa-twitch-entenda-nome-da-plataforma-de-streaming-esports.ghml>. Acessado em 15/12/2022

de comunicação. Com isso, os alunos puderam perceber que o futebol é, simultaneamente, sujeito, na medida em que atravessa e influi nos acontecimentos; e produto da história, ao passo que é atravessado e se altera em decorrência destes mesmos acontecimentos. E por isso, aqui para nós, ele foi utilizado como fonte, a partir da qual, podemos compreender a história. Estou certo também que esta experiência também não adquiriu sua forma acabada, definitiva, mas que sempre estará aberta a novos materiais, fontes e perspectivas.

No âmbito da pesquisa, este trabalho, ao passo em que se desenrolava, me apontava uma direção possível a seguir. Aqui, busquei permanecer nos limites da reflexão do modo como o surgimento e o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação alteraram a forma como lidamos com o tempo, a partir da noção presentista de Hartog (2019), na qual, temos um tempo acelerado, um presente fugaz, pois é um presente sempre inclinado ao porvir, o presente “é o iminente”, como o próprio autor diz. (p. 142) Além disso, essas novas tecnologias, também alteraram o nosso modo de consumir as informações e todos os demais produtos da indústria comunicacional, e neste ponto, a partir da sua relação com o futebol, procurei levantar a reflexão da midiatização e da ubiquidade, como marcas também desse nosso presente, dito globalizado.

Mas como podemos perceber essas novas tecnologias alteraram nossos comportamentos nos mais variados espaços de nossa vida: no trabalho, na escola, nas relações interpessoais, enfim. Mas o aspecto, o qual, me instigou, a desenvolver mais, em especial após a experiência da aula com os alunos é o espaço do lazer. Pensar mais sobre esse consumo do futebol de maneira midiatizada, em diferentes telas, com uso de aplicativos, mas a partir da perspectiva do estudo da história do lazer,¹⁹ acrescentando mesmo outros elementos tecnológicos como os jogos eletrônicos.

Guy Debord (1997), aponta a importância adquirida por esse espaço do lazer na formação dessa “sociedade do espetáculo” que o autor denomina, em especial o tempo do lazer do operário. Debord explica que inicialmente o tempo de lazer desse operário era desconsiderado pelo capitalismo, até mesmo por desconsiderá-lo em sua humanidade, como o próprio autor explica, este operário devia apenas “receber o mínimo indispensável para conservar sua força de trabalho” (p. 31). No entanto, à medida em que a produção

¹⁹ Victor Melo (2010) explica como este campo surge a partir do desenvolvimento da Nova História Cultural, que procurou abrir diálogos com outras áreas como a antropologia. O autor define o lazer como práticas ou “atividades culturais vivenciadas (assistidas ou fruídas) no tempo livre do trabalho e das obrigações, com o intuito de busca de uma diversão prazerosa, que não visa à obtenção de lucro.” (p.17)

de mercadorias vai se tornando cada vez mais massificada, essa situação se altera, pois, a classe dominante começa a enxergar nesse operário um potencial consumidor em seu lazer, segue Debord: “então, o *humanismo da mercadoria* se encarrega dos ‘lazer e da humanidade’ do trabalhador, simplesmente porque agora a economia pode e deve dominar essas esferas *como economia política*” (p.31). Essa compreensão de Debord podemos observar no Brasil, por exemplo, quando os clubes de futebol das elites econômicas começam obter vantagens financeiras com a presença das classes populares em suas arquibancadas para assistir as partidas.²⁰

Douglas Kellner (2001) também aponta nessa direção, seguindo Horkheimer e Adorno, afirmando o modo como a indústria cultural, inicialmente, através do cinema, do rádio, revistas, histórias em quadrinhos, propaganda e imprensa, começou a “colonizar o lazer” e com o advento da televisão e em seguida outras tecnologias de entretenimento aceleraram a disseminação e o aumento do que o autor chama de “cultura da mídia”. Então, quando tratamos das tecnologias de comunicação, além dos aspectos políticos, econômicos, técnicos, há esse aspecto cultural, do entretenimento, do lazer. Por isso acredito que este caminho seja uma das direções que este trabalho aponta, aprofundar as reflexões aqui expostas a partir dessa perspectiva da história do lazer.

²⁰ Ver (SANTOS, 2010)

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BERGER, Christa. **A pesquisa em comunicação na América Latina**. In: HOHLFELD, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2017, 15ª ed., p. 241-277.

BARROS, José D'Assunção. **Prefácio**. In: MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 11-19

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História das cavernas ao terceiro milênio**. 4 Ed. São Paulo: Moderna, 2016

CALVÃO, Leandro Dantas; PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hugo. **Do email ao Facebook: uma perspectiva evolucionista sobre os meios de conversação da internet**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: 21 ed. Paz e Terra, 2020

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DRUMOND, Maurício. **Futebol e política, nações em jogo**. Revista IHGB. Rio de Janeiro, v. 439, p. 37-58, 2008.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GABRIEL, Carmen T. **O processo de produção dos saberes escolares no âmbito da disciplina de história: tensões e perspectivas**. Educação Básica Revista, vol.3, n.2, 2017.

GAUZISKI, Débora; AMARO, Fausto. **Uma partida em imagens: Instagram, futebol e materialidades da comunicação**. In: HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto (Orgs.). Esporte e mídia: novas perspectivas – a influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015. ISBN 978-85-7511-437-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e quedado Jornal dos Sports entre 1930 e 1980**. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 80-106

JAMBEIRO, O. **Regulando a TV: uma visão comparativa no Mercosul** [online]. Salvador: EDUFBA, 2000. 228 p. ISBN 978-85-232-1228-5. Available from SciELO Books .

JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo: o mundo secreto da FIFA - compra de votos e escândalo de ingressos**. São Paulo: Panda Books, 2011.

JUNIOR, Alfredo Boulos; ADÃO, Edilson; JUNIOR, Laércio Furquin. **Ciências humanas**. 1 Ed. São Paulo: FTD, 2020

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEITE, D.; COELHO, C. N. P. **A influência da hashtag nas interações das redes sociais da internet: uma análise feita no twitter a partir das transmissões ao vivo de futebol pela televisão**. Revista de Estudos Universitários - REU, [S. l.], v. 46, n. 2, p. 279–305, 2020.

LOPES, M. I. V. de. **Mediação e recepção**. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *MATRIZES*, 8(1), 65-80. 2014

LUCCHESI, Anita. **Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital**. História Oral, v. 17, n. 1, p. 39-69, jan./jun. 2014

MELO, Victor Andrade de. **Contribuições da História para o estudo do lazer**. In: MELO, Victor Andrade de (Org). Lazer: Olhares multidisciplinares. Campinas, SP. Editora Alínea, 2010. p. 11-18

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MELO, Victor Andrade de. **Causa e consequência**: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 21-51.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores e livros didáticos**: narrativas e leituras no ensino de história. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). A História na escola – autores, livros e leituras. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 175 – 199.

MONTEIRO, J. C. S. **Tiktok como novo suporte midiático para aprendizagem criativa**. Revista Latino-Americana de Estudos Científicos, v. 2, p. 05-20, 2020.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. **Um encontro com as fontes em História Oral**. Estudos Ibero-Americanos, vol. XXXII, num. 1, junho, 2006, pp. 117-125.

MUSSO, Pierre. **Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica**. In: MORAES, Dênis (Org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo. Summus, 1985. 5º ed.

PINHA, Daniel Silva. **O lugar do tempo presente na aula de história**: limites e possibilidades. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 99 - 129. 2017

ROCHA, Helenice. **Desafios presentes nos livros didáticos de história**: narrar o que ainda está acontecendo. *Revista História Hoje*, v.7, n. 14, p. 86-106, 2018.

_____. **Livro didático em análise**: a força da tradição e transformações possíveis. In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). Livros didáticos de história – entre políticas e narrativas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017. p. 11 – 28

SADDI, Rafael. **O Estado de Suspensão na aprendizagem histórica**: a força estética do conhecimento histórico na instauração de um momento sublime de consciência histórica. *Revista História Hoje*, v. 5, p. 113-130, 2016.

SANTHIAGO, Ricardo. **A história oral e suas possibilidades educacionais**. *História Oral*, v. 20, n. 1, p. 237-240, 2017.

_____; MAGALHÃES, Valéria B. de. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015 (Coleção Práticas docentes)

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)** São Paulo. 2010. 489 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SATUF, Ivan. **As telas ubíquas e a midiaticização do torcedor de futebol**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 328-340, 2014.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SILVA, Pedro Vasconcelos Costa e. **Midiaticização e futebol de várzea: um estudo de caso sobre o Inconfidência esporte clube**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. PUC-MG. Minas Gerais. 2017

SINGER, Paul. O Processo econômico. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz *et al.* **História do Brasil Nação: 1808-2010**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. Vol. 5

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SODRÉ, Muniz. **Eticidade, campo comunicacional e midiaticização**. In: MORAES, Dênis (Org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOSSAI, Fernando C.; MENDES, Geovana M. L. **Tempo tecnológico: uma análise de narrativas orais sobre o uso de tecnologias digitais em escolas públicas de Santa Catarina**. História Oral, v. 19, n. 1, p. 7-39, 2016.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **A cidade e o jornal: A Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX**. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 52-79

XAVIER, Libânia N. y CHAVES, Miriam W. **A invenção da Escola pública e seus desdobramentos no Brasil: entre o ideal de modernidade e os problemas contemporâneos**, História Caribe Vol. XIII No. 33 (Julio-Diciembre 2018): 253-280.